

Universidade de Lisboa



**A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O
alargamento do conhecimento do mundo:**

Uma proposta didática

António José Moreira Colaço

Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo Professor
Doutor Miguel Maria Santos Corrêa Monteiro

2017

Dedicatória

Aos meus pais, pelo amor e dedicação a mim e aos meus sonhos.

Ao meu avô Francisco.

À memória dos meus avós.

Agradecimentos

Aos meus pais, por tudo o que fizeram por mim ao longo da minha vida, pelo amor e por acreditarem em mim e nos meus sonhos. Pelo esforço e sacrifício que fizeram para que concluísse esta jornada e realizasse os meus sonhos da melhor forma possível. Pela educação e ideais que me transmitiram, que nunca os perca pela vida. Um obrigado não chega!

Ao meu avô Francisco, pela ajuda que me deu ao longo da minha caminhada universitária, sem a sua ajuda nada teria sido possível.

A Deus, na Sua Santíssima Trindade, e a Nossa Senhora, por me acompanharem sempre nesta etapa com serenidade, misericórdia e na fé cristã. Que guiem sempre os meus passos.

Ao professor Miguel Corrêa Monteiro, pela amizade, paciência, dedicação, ensinamentos e por ter aceite orientar este relatório. Pela sua humanidade e dedicação aos alunos, um ensinamento para a vida: um professor também é um amigo.

À professora Ana Leal de Faria, não só pelos ensinamentos no mestrado, mas também durante a licenciatura. Pela amizade e carinho que sempre teve para comigo.

À professora Maria José Ferreira, que nos recebeu na Escola Camilo Castelo Branco da melhor maneira, por tudo o que me ensinou, por todos os momentos partilhados e por nos ver sempre de igual para igual.

À professora Amália Ribeiro, minha professora de História no Ensino Básico e no Ensino Secundário que passou a uma grande amiga, pelo apoio que sempre me deu a

seguir a vocação da docência de História e pela ajuda e conselhos que me deu para eu aplicar nas minhas aulas de estágio.

À minha colega e amiga Filipa Veiga, pela amizade, pelas confidências, pelo companheirismo, pela ajuda no decorrer do percurso académico, pelas conversas, por tudo o que vivemos nestes 6 anos que guardo com estima e apreço na minha memória. Sem a ajuda dela tudo teria sido muito mais difícil.

À minha colega Ana Sofia Lopes, pela dedicação, companheirismo, ajuda e amizade que vivemos no estágio. Pela convivência e partilha na Escola Secundária Camilo Castelo Branco.

À Filomena, à Odete e à Paula, amigas que levo da Faculdade de Letras para a vida. Pelos momentos que vivemos, pela ajuda, pelas partilhas que fizemos, por me “aturarem” durante tantas horas e por muitas vezes serem um ombro amigo deste aluno distante de casa.

À Ana Paula Alexandre, não pela ajuda no mestrado, mas pela ajuda durante toda a licenciatura. Pelo companheirismo e ombro amigo que sempre se revelou.

À minha amiga Maria, que me conhece desde bebé, pela ajuda que nos deu, sem ela teria sido tudo muito mais difícil, e pela amizade à minha família.

Aos alunos com quem me cruzei, particularmente aos do ano letivo 2015/16, pelo carinho e respeito com que me receberam. Levo-os na minha vida.

A todos que a memória me falha:

Obrigado!

Resumo

O relatório/tese apresenta-se como uma proposta didática do Módulo 1 e 2: *A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo*, ao mesmo tempo científica e formadora, realizada com alunos do 10.º ano de escolaridade do Ensino Secundário, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco, em Carnaxide.

No séc. XV, a Europa inicia um processo de abertura ao mundo, através da expansão marítima. Nesse processo, destacaram-se os países ibéricos que dominaram as rotas do comércio marítimo e controlaram a economia mundial, salientando as cidades cosmopolitas de Lisboa e Sevilha. É importante que os alunos retenham que este processo de expansão abriu o caminho para novas culturas, novas matérias e um novo domínio económico de Portugal. O país teve ainda a sua grande importância no comércio ultramarino detendo, com a vizinha Espanha, o monopólio deste. É de salientar que o processo de expansão portuguesa teve vários envolvidos, desde a burguesia – que teve neste período a sua época áurea – até à própria Coroa, que investiu também neste processo.

Apesar de Portugal e Espanha serem detentores do comércio ultramarino, continuava a ser bem visível a rivalidade entre os dois países através das suas diferentes políticas ultramarinas. Estas culminaram na divisão do mundo entre estes dois países através do Tratado de Tordesilhas.

Com esta divisão do mundo, ao longo dos séculos XV e XVI, Portugal consolidou um Império Além-Mar em África, Ásia e América do Sul. Por sua vez, Espanha reforçou o seu Império na América Central e do Sul. Ambos os países ocuparam e exploraram economicamente estes espaços, embora utilizando métodos diferentes, o que acabou por influenciar culturalmente os indígenas destes territórios, bem como aqueles que tiveram contacto com estas potências.

Não se pode excluir a importância que os estudos para a inovação técnica tiveram para o processo de expansão tivesse o seu devido êxito. Com a expansão ultramarina fica assim conhecido um mundo até então desconhecido, tanto a nível de culturas como de matérias naturais. Estas viriam a ser observadas e relatadas, tendo assim o reconhecimento desta observação.

A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: uma proposta didática

Ao longo das aulas – através de suportes audiovisuais modernos, adequados e estimulantes – procurámos demonstrar que a expansão marítima levada a cabo pelos estados peninsulares, teve como consequência a abertura de novas rotas ao comércio intercontinental. Simultaneamente, permitiu o acesso a novas culturas, novos produtos, novas técnicas, que acabaram por influenciar toda a sociedade europeia em diversos aspetos: económicos, sociais, culturais e políticos.

Palavras-chave: História, Geografia Cultural, Descobrimientos, Expansão Europeia, Cosmopolitismo, Competências, Espaço e Tempo.

Abstract

This report/thesis is presented as didactical proposal for Modules 1 and 2: “The geography of European culture of the four hundreds and five hundreds – The enlargement of world’s knowledge”. At the same time, it presents itself as a scientific and educational proposal held with students of the 10th grade of schooling in Secondary Education in the Secondary School Camilo Castelo Branco in Carnaxide.

In the 15th century, Europe started a process of opening herself to the world, through the maritime expansion. During this process, the Iberian countries dominated maritime trade routes and controlled the world economy, namely the cosmopolitan cities of Lisbon and Seville. It is important that the students retain that this expansion process paved the way for new cultural approaches, new materials, new economics and also that Portugal had a great importance in overseas’ trade holding. With the neighboring Spain, this monopoly belonged to Portugal. It also should be noted that the Portuguese expansion process had several parts involved, from the bourgeoisie - which had in this period their golden years – to the Crown itself, which also invested in this process.

Although Portugal and Spain were holders of overseas’ trade, the rivalry between the two countries continued to be well noted through various overseas’ policies that ended up dividing the known world between the two countries under the Treaty of Tordesillas.

With this Division of the world, throughout the 15th and 16th centuries, Portugal consolidated an overseas’ empire in Africa, Asia and South America, while Spain consolidated their Empire in Central America and South America. Both countries occupied and exploited economically these zones (although using different methods) which ultimately influenced culturally natives of these territories and those in contact with the two Iberian superpowers.

It is not possible to discard the importance that technical innovation studies had for the understanding of the whole expansion project and its success. With the overseas expansion the unknown world became what we know nowadays, in many ways other than culturally. This study by Portugal and Spain was recognized in the future.

A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: uma proposta didática

Throughout the lessons we gave – where we used modern, adequate and stimulating audiovisual media - we tried to demonstrate that the maritime expansion carried out by the peninsular states had resulted in the opening of new routes to intercontinental trade. At the same time, it allowed access to new cultures, new products, new techniques, which ultimately influenced the whole of European society in various economic, social, cultural and political aspects.

Keywords: History, Cultural Geography, Discovery, European expansion, Cosmopolitanism, Competences, Space and Time.

Índice Geral

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iv
Abstract	vi
Introdução	1
Parte I: Enquadramento teórico	4
1.1-A importância dos Descobrimentos na História Moderna	5
1.2 – As navegações nos manuais escolares	8
1.3 – A importância da planificação	10
1.4 - Teorias de Aprendizagem	12
1.4.1 - Jean Piaget	14
1.4.2 – Jerome Bruner	16
1.4.3- Carl Rogers	18
Parte II :Contexto Escolar de Lecionação	20
2.1-Escola Secundária Camilo Castelo Branco	21
2.1.1-Localização	21
2.1.2-História	21
2.2- A professora cooperante- <i>Curriculum Vitae</i>	23
2.3- Experiência na escola.....	25
2.4- As turmas	27
Parte III: Prática Letiva Supervisionada	32
3.1- Contextualização das matérias lecionadas	33
3.2- Aulas da Prática Letiva Supervisionada	34
3.2.1- Aula 1	34
3.2.2- Aula 2	38
3.2.3- Aula 3	41
3.2.4- Aula 4	46
3.2.5- Aula 5	49
3.3 – Outras aulas lecionadas	53
3.3.1- Aula 1	54

A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: uma proposta didática

3.3.2- Aula 2	57
3.2.3- Aula 3	60
3.2.4- Aula 4	63
Considerações finais	66
Referências Bibliográficas	68
Anexos	72

Índice de Imagens e Gravuras

Fig. 1 – Mapa aéreo da Escola Secundária Camilo Castelo.....	21
Fig. 2 – Tapeçaria.....	44
Fig. 3 – Especiarias: Cravinho e canela.....	44
Fig. 4 – Porcelana chinesa	44
Fig. 5 – Tecido oriental	44
Fig. 6 – Slide do <i>PowerPoint</i> da quinta aula lecionada pelo mestrando.....	51

Índice de Quadros e Gráficos

Quadro 1 – Orientações de Ensino-Aprendizagem.....	13
Quadro 2 – Os valores medievais vs. os valores renascentistas.....	36
Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por idades.....	28
Gráfico 2 – Distribuição dos alunos por género.....	28
Gráfico 3 – Distribuição dos alunos por nacionalidade.....	29
Gráfico 4 – Número de retenções.....	29
Gráfico 5 – Disciplinas com nota negativa no ano letivo 2015/2016.....	30
Gráfico 6 – Grau de parentesco dos Encarregados de Educação.....	30
Gráfico 7 – Formação Académica dos Encarregados de Educação.....	31

Siglas e Abreviaturas

CD-ROM – Compact Disc-Read-Only Memory

IPP – Iniciação à Prática Profissional

[...] – corte na citação de texto

consult. – Consultou-se

ed. – edição, editor(a)

op. cit. – obra citada

séc. – século

vol. – volume

p. – página

pp. – páginas

Idem – o mesmo

Ibidem – mesmo lugar

Coord. – coordenação

Dir – direção

Cf – confronto, confira

et al. – e outro (a)

fig. – figura

Nr. número

Conformidade:

Este Relatório da prática de ensino supervisionada está redigido segundo o documento aprovado pela Comissão Científica dos Mestrados de Ensino, a 22 de junho de 2017, intitulado “Orientações para o desenvolvimento e elaboração do Relatório da prática de ensino supervisionada”, aprovado pelo Presidente da Comissão Científica dos Mestrados de Ensino, Prof. Doutora Maria Leonor de Almeida Domingues dos Santos.

Norma e grafia utilizadas:

Para a redação deste Relatório foi utilizado o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, à exceções de citações de livros e documentos em português onde a grafia era anterior ao dito Acordo. Por sua vez, as referências bibliográficas e as citações foram elaboradas tendo em conta a Norma NP – 405.

Anexos:

Por uma questão de facilidade no acesso aos mesmos, os anexos, com exceção dos Power Points utilizados ao longo da Prática Letiva Supervisionada, encontram-se simultaneamente, na parte final do Relatório – para os leitores da versão em papel – e também em CD-ROM (onde se encontram tanto os Power Points utilizados ao longo deste ano letivo, como estão presentes os que utilizados no ano passado), para quantos desejem fazer a sua leitura eletrónica através do suporte PDF.

Introdução

Este Relatório de Prática de Ensino Supervisionada é o balanço do caminho que fizemos no Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, tendo a sua componente teórica na Faculdade de Letras e no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e a sua componente prática, no nosso caso, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco, em Carnaxide.

Neste relatório, com a sua denominação de *A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: Uma proposta didática*, faremos aqui a apresentação das nove aulas lecionadas no ano letivo 2016/17, salientando que foram lecionadas cinco aulas no ano letivo anterior. Das nove aulas aqui apresentadas, quatro foram concretizadas no primeiro semestre do ano em questão e as restantes cinco no segundo semestre. Procedeu-se a esta situação, acordada entre nós, o professor Miguel Monteiro e a professora cooperante Maria José Ferreira, para que fossemos ao encontro da matéria que mais gostaríamos de lecionar e como não poderíamos estar o primeiro semestre sem efetuar qualquer atividade chegamos a esta solução.

Aqui vamos demonstrar e debruçar-nos sobre as cinco aulas lecionadas no segundo semestre, temática que dá nome a este relatório. Apresentamos aqui a Proposta Didática, a nossa. Reconhecemos que a nossa proposta não trás nada de novo à didática, sendo baseada em métodos por muitos já utilizados. Porém foi uma proposta planeada e pensada, entre nós e a professora cooperante, não só com base na matéria, mas também a ser pensada em função dos alunos, uma turma com algum défice cultural e com graves problemas de comportamento. A nossa ideia inicial foi sempre “fugir” à metodologia clássica e convencional da exposição dos conteúdos pelo professor, cada vez mais podemos constatar que esse não é o melhor método para a cativação dos alunos, principalmente problemáticos. Porém não podíamos pensar em métodos que permitissem demasiada instabilidade em sala de aula, por isso apostámos em trabalhos individuais e de grupo; visualizações de alguns vídeos; contacto com alguns materiais; apresentações orais para combater a “vergonha” de alguns membros da turma em exporem as suas ideias; trabalhos e fichas que implicaram a descoberta da matéria pelos alunos, apoiando-nos nas ideias de Bruner, por exemplo.

A primeira parte deste relatório assenta numa breve contextualização teórica. Em primeiro uma pequena explicação sobre a importância e o impacto que os Descobrimentos tiveram na Idade Moderna e na sua sociedade, visto ter sido um dos temas abordados por nós em aula. Como é do conhecimento os Descobrimentos marcam o arranque desta Época e têm um impacto social, económico e cultural enorme, não só nos países Ibéricos como no resto da Europa. Como é defendido por muitos esta é a época de ouro da nação portuguesa.

De seguida abordaremos as navegações nos manuais escolares, temática em que existe pouca documentação em que nos possamos apoiar e por isso decidimos dar a nossa opinião de como são abordadas as navegações no manual escolar adotado pela escola onde executamos a nossa prática letiva.

Em terceiro ponto deste enquadramento teórico faremos uma breve abordagem sobre a importância da planificação, salientando alguns pontos que, para nós, são os mais importantes para justificar a elaboração duma planificação.

Por último dentro desta parte apresentaremos as teorias de aprendizagem. Apresentaremos uma breve síntese sobre as ideias defendidas por Piaget, Bruner e Rogers, pois foram estas que tentámos seguir como inspiração para a nossa prática letiva.

Após este enquadramento teórico passamos para a segunda parte deste relatório: o contexto escolar. Nesta parte iremos apresentar a localização da escola e a sua história, com o facto de podermos contar com o testemunho da professora cooperante para o desenvolvimento deste tema, a apresentação do *curriculum vitae* da professora cooperante, uma síntese sobre a nossa experiência na escola e por último a caracterização das duas turmas da professora cooperante, sendo que a com maior desenvolvimento será a que escolhermos para lecionar as aulas da nossa prática letiva.

A terceira parte deste relatório recai sobre a demonstração, através das planificações, descrição e comentário autocritico sobre as nossas aulas. Esta parte é a mais importante, para nós, visto que é nela que está contida toda a informação sobre o nosso trabalho prático e que acaba por justificar o tema deste relatório. É também nela que explicamos muitas das decisões tomadas, a sua aplicação e ainda os comentários refletivos que fizemos sobre estas. Também é como reflexão desta parte que retiramos

a projeção para o futuro, das metas a cruzar e também dos obstáculos que se têm que ultrapassar ao lecionar turmas com excesso de alunos e com mau comportamento. É nesta parte que fazemos a nossa reflexão interior sobre o que é ser professor nos dias que correm, reflexão essa nem sempre escrita, porém pensada.

Na quarta e última parte incluímos as reflexões finais, a bibliografia e alguns anexos, porém alguns só constarão no CD-ROM devido ao seu peso, mas também, no caso dos *PowerPoints* apresentados na aula, devido às suas animações para exibição das imagens, fazendo sentido estarem apenas em formato digital.

Parte I: Enquadramento teórico

1.1-A importância dos Descobrimentos na História Moderna

A descoberta e o estudo de territórios em África e na Ásia começaram muito antes dos séculos XV e XVI, por exemplo, pelos muçulmanos e por Genghi Khan. Porém é durante os séculos XV e XVI que a visão do mundo começa a modificar-se com os Descobrimentos Portugueses. Os Descobrimentos portugueses além de trazerem uma nova visão do mundo trazem outros panoramas, como na inovação das técnicas de navegação, na observação e descrição da natureza, no comércio, entre outros.

Com a crise do século XIV existia a necessidade de procurar cereais, ouro, especiaria e mão-de-obra. Dado às influências e aos conhecimentos científicos e técnicos deixados pelos muçulmanos em Portugal, os portugueses adaptam os instrumentos náuticos; produzem embarcações como a Caravela, sendo nesta embarcação que Gil Eanes ultrapassa o Cabo Bojador em 1434, destruindo o mito medieval que o mundo era plano e acabava num mar de chama. Se durante o século XV foi explorada, maioritariamente, a costa ocidental africana na passagem para o século XVI, descobre-se um novo continente, a América, e começa-se as navegações no Oceano Índico, com a passagem do cabo da Boa Esperança, em 1488, por Bartolomeu Dias.

As navegações portuguesas, como já foi referido, aconteceram devido às inovações técnicas elaboradas pelos portugueses, destacando-se a caravela, a bússola “(...)a agulha suspensa no centro de uma caixa cilíndrica, graduada na suas paredes interiores, e com uma rosa-dos-ventos em papelão, que lhe ficava colada”¹, o astrolábio “foi um instrumento de uso muito corrente em astronomia e astrologia durante toda a Idade Média (...) Quando foi introduzida a navegação de alturas, cedo os pilotos se deram conta de que o astrolábio e o quadrante eram os instrumentos astronómicos então conhecidos que melhor satisfaziam os seus intentos.”², a balestilha e o quadrante, “o primeiro registo directo do uso náutico do quadrante é de Diogo

¹ Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, II vol., Lisboa, ed. Círculo de Leitores, 1994, pp. 147

² Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, I vol., Lisboa, ed. Círculo de Leitores, 1994, pp. 94-95

Gomes, na sua *Relação do Descobrimento da Guiné*”³. Estes instrumentos náuticos são a base da navegação astronómica, ou seja, com a observação dos astros eram delineados os trajetos para a navegação, criando assim rotas até aos novos territórios, “*A determinação da latitude (altura do polo) por meio das alturas da [Estrela] Polar, do Sol e, mais tarde, do [Cruzeiro do] do Sul e de outras estrelas veio permitir o conhecimento de uma das coordenadas da posição do navio; com ela começou a Navegação astronómica, cujos Regimentos e princípios souberam achar os astrólogos e mareantes portugueses*”⁴.

É devido às descobertas e expansão ultramarina portuguesa que a partir do séc. XVI que o comércio entre o Ocidente e o Oriente deixa de estar ligado por via terrestre, mas agora por via marítima. Com esta mudança a nível do comércio entre a Europa e o Oriente surgem novos portos marítimos como é o caso de Lisboa e Sevilha, que além de terem uma excelente localização geográfica perto do Atlântico e do Mar Mediterrâneo, são também centros culturais devido ao cruzamento que nelas existia entre peninsulares, judeus, italianos e árabes:

*“Dom Afonso [IV], pela graça de deus rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber que Beringel Omberte me pediu por mercê, por si e por mercê Nicolau Bertardi, da Companhia dos Bardos, da cidade de Florença, e por todos os outros mercadores da dita Companhia e da dita cidade querem vir morar e viver ao meu senhorio e que lhes fizesse algumas mercês extremadas e liberdades [...] Dada em Coimbra, nove dias de Abril [...] Era de mil trezentos e setenta e seis anos. [...]”*⁵

Portanto a importância dos Descobrimentos, além de marcarem o seu início, marcam-no por terem causado uma reviravolta no panorama geográfico, cultural, técnico e económico da altura. Foram os portugueses que abriram o mundo às novas culturas, a novos povos, a novos continentes, a novos estudos e produtos. Realçamos a importância que a transição do comércio oriental teve ao passar a ser feito em Lisboa,

³ Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos, Lisboa, Ed. Culturais da Marinha*, 1983 (1ª. Edição, 1934), p. 36

⁴ Idem, *ibidem*, p. 394

⁵ João Martins da Silva Marques, “Descobrimentos Portugueses”, vol. I, Lisboa, 1944, pp. 53-54, in Fernanda Espinosa, *Textos Históricos Medievais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1972, p. 229

criando assim uma fonte de riqueza para o Reino de Portugal, o que se constatou também a nível internacional passado assim Portugal a ser visto como um parceiro semelhante e dono de um grande império e riquezas. É por estas razões que ainda hoje muitos dos nossos historiadores consideram o período dos Descobrimentos ultramarinos o período áureo da história da nossa nação.

1.2 – As navegações nos manuais escolares

Sem dúvida este é o tema que nos deu mais trabalho a desenvolver devido à complexidade da temática e da inexistência de material em que nos conseguíssemos apoiar para o construir. Por isso, este tema passa mais por ser uma reflexão sobre o nosso contacto com o manual adotado na Escola Camilo Castelo Branco, *Linhas da História* da Areal Editores.

A abordagem das navegações, tal como a abordagem dos próprios Descobrimentos, é feita em 6 páginas, entre narração explicativa e documentos, denominada de *Recuperação de conhecimentos*. Esta abordagem é feita de forma sucinta e por vezes pouco clara, tendo o professor de recorrer a outros tipos de materiais. A questão que pusemos foi de como é que os alunos conseguem compreender os conteúdos seguintes (o comércio marítimo e as cidades cosmopolitas de Lisboa e Sevilha) apenas “recuperando” conteúdos que lhes foram transmitidos no Ensino Básico.

É nesta linha de pensamento que nos decidimos debruçar e dar a nossa opinião sobre este tema. Cada vez mais temos que contrariar a ideia de que os “*os manuais [são] um instrumento fundamental, por vezes único, do ensino e da aprendizagem*”⁶ ou até como guia das aulas, como muito dos docentes o aplicam. Apesar de por um lado defendermos a utilização do manual escolar, pois temos que ter a consciência do custo que os manuais causam no orçamento duma família. Porém o uso do manual escolar deve ser pensado, ponderado e organizado.

No caso específico das navegações no manual que utilizamos na prática letiva as navegações encontram-se de forma alternada e pouco organizada. Dizemos isto pois, como já referimos, encontramos referências às navegações na parte de *recuperação de conhecimentos*, mas também na parte sobre a inovação técnica feita pelos portugueses para as suas navegações. Salientamos que as navegações são referidas mais pelo facto das embarcações e dos utensílios utilizados e, ainda, com a apresentação de alguns mapas para que os alunos tenham contacto com as novas rotas comerciais iniciadas pelos portugueses.

⁶ Anteprojeto de Proposta de Lei sobre manuais escolares, 2005, p. 1

Porém, apesar da referência às navegações, não encontramos qualquer referência ao seu planeamento e organização, quer na parte explicativa da matéria, quer nos próprios documentos de apoio, sendo os documentos alusivos a este tema, como já referido, mapas com as rotas comerciais por mar.

A nosso ver, para melhor compreensão dos alunos, de como as navegações e as viagens eram planeadas e organizadas, os manuais deviam fazer alterações sobre esta temática, tanto das navegações como dos Descobrimentos. Deviam constar no alinhamento ambas as temáticas pois além de estarem encadeadas uma na outra, estão também encadeadas na restante matéria, havendo a necessidade do professor debruçar-se mais sobre estes temas do que os manuais sugerem.

Compreendemos porém que a falta de tempo e de coesão com o Programa de História nem sempre é favorável a abordagem de certas matérias. Contudo, face à comunidade estudantil que temos nos tempos correntes, nem sempre estes têm noção e absorção suficiente de recordar a matéria lecionada em anos anteriores, neste caso no Ensino Básico.

1.3 – A importância da planificação

A planificação é importante pois “*todos os professores têm necessidade de planificar as suas tarefas, na medida em que o sucesso ou insucesso a atingir dependerá da prévia reflexão do que se pretende executar*”.⁷

A planificação tem como base os seguintes pilares: ponto de partida, através da avaliação de diagnóstico ou formativa; os objetivos a desenvolver no período de tempo estipulado; os conteúdos a desenvolver; metodologias e estratégias a utilizar para realizar o trabalho; quem é o público recetor; os materiais a utilizar e o espaço onde nos encontramos; o tempo que temos para gastar e a avaliação se o trabalho foi concretizado.⁸

Apesar de cada professor estruturar a sua própria planificação, tanto a médio como a curto prazo, pois por norma a longo prazo é fornecida pela escola ou decidida pelo grupo de docentes da área, é necessário recordarmos que as planificações ficam subjacentes aos tabelamentos do Ministério da Educação, tabelamentos estes que são apresentados nos Programas Curriculares e em Metas Curriculares. A nosso ver, e pela nossa pouca experiência a falta de atualização nos Programas é um dos obstáculos à adaptação do programa às necessidades atuais dos nossos alunos. A par desta situação também os programas e os seus complementos, como é o caso das metas curriculares, são demasiado extensos face à carga horária que é dada à disciplina de História, dificultando a planificação equilibrada da matéria, acabando muitas vezes pelo docente ter que lecionar a matéria de forma mais rápida ou mesmo acabando por “descartá-la” para os alunos na forma de trabalhos de pesquisa. Logo aí surgem entraves de força maior à planificação.

Consequentemente achamos que além dos pilares apresentados pela Maria Cândida Proença será necessário ter em conta os Programas Curriculares em vigor e o tempo letivo que é dado ao docente para o seu desenvolvimento. “*Planificar será organizar no tempo e no espaço, em doses de rentabilidade, as determinantes dos*

⁷ Miguel Corrêa Monteiro, *Didáctica da História – Teorização e prática – algumas reflexões*, Plátano Edições Técnicas, Outubro 2001, p. 32

⁸ CF. Maria Cândida Proença, *Didáctica da História*, vol. I, Universidade Aberta, Lisboa, Fevereiro 1992, p. 173

programas, consideradas, em função das ambiências concretas e especificidades inerentes, as linhas mais adequadas”⁹

A importância da planificação passa pelo balanceamento do programa, do tempo, dos conteúdos e das estratégias mais apelativas aos alunos e é nessa focalização dos alunos que, raramente, um plano se consegue adaptar a duas turmas diferentes. Tal como cada aluno tem a sua identidade, as turmas também a têm. Este aspeto, a nosso ver, reflete-se mais na adaptação da metodologia e estratégia a adaptar, pois, se uma metodologia encaixa numa turma não é certo que resulte noutra. Cada planificação deve ser desenvolvida e pensada focalizando os alunos e as suas necessidades e capacidade, pois além da planificação servir para “guiar” o docente é também para este encontrar a melhor solução de absorção de conhecimento dos discentes.

“O planeamento criterioso é um dever do professor em face da importância da tarefa que realiza. A formação dos nossos jovens não pode ser deixada aos azares da inspiração do momento.”¹⁰

⁹ Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*, p. 32

¹⁰ Irene Mello de Carvalho, *O processo didático*, Fundação Getúlio Vargas, 1ª Edição – 4ª tiragem, 1976, p. 71

1.4 - Teorias de Aprendizagem

No nosso percurso, vários foram os pedagogos e pensadores que estudámos, quer para a realização dos mais diversos trabalhos das diferentes unidades curriculares quer em aulas ou a título pessoal. Várias foram as Teorias Educacionais que analisámos nas aulas e das quais tentámos inspirar-nos para a concretização das nossas aulas. Para demonstração e melhor compreensão de todas as teorias apresentámos, em seguida o Quadro 1. Neste quadro podemos observar vários autores defensores de diversas teorias de aprendizagem que são diferenciados através da sua ação educativa.

*“Consequentemente, qualquer ação com objetivo é determinada por uma teoria. Toda a pessoa que ensina tem uma teoria da aprendizagem. Um professor pode ou não ser capaz de descrever sua teoria em termos explícitos. Quando não o consegue, geralmente é possível deduzir de sua atuação a teoria que ainda não é capaz de verbalizar. O importante, então, não é se um professor possui ou não uma teoria de aprendizagem, mas o quanto sua teoria é convincente”.*¹¹

Para execução das nossas aulas procurámos encontrar as teorias que iam mais ao encontro dos nossos pensamentos e ideias de como lecionar, mas também com o intuito nos adaptarmos aos alunos e para tornar o nosso método mais motivante. Deste modo a nossa principal finalidade era fazer com que os alunos conseguissem captar e absorver todos os conceitos e conteúdos pretendidos, sendo por vezes difícil a adaptação a uma só teoria. Baseámos-nos então, nas teorias de aprendizagem de Piaget, Bruner e Carl Rogers, que passamos de seguida a explicar, resumidamente, em que consistem.

¹¹ Morris L. Bigge, *Teorias da aprendizagem para professores*. Editora Pedagógica e Universitária Lda, 1ª Edição – 10ª reimpressão, São Paulo, 1977, p. 6

Quadro 1 - Orientações de Ensino-Aprendizagem¹²

Teoria	Behaviorismo	Humanismo	Cognitivismo	SocioCognitivismo	Construtivismo
Teóricos	Guthrie, Hull, Pavlov, Skinner, Thor	Maslow, Rogers	Ausubel, Bruner, Gagne, Koffka, Kohler, Lewin, Piaget	Bandura Rutter	Candy, Dewey, Lave, Piaget, Rogoff, Von Glaserfeld, Vygotsky
Visão do processo de aprendizagem	Mudança no comportamento	Um ato pessoal para realizar o seu potencial	Processamento de informação (incluindo percepção, memória e metacognição)	Interação e observação dos outros num contexto social	Construção do conhecimento através da experiência
Incidência da aprendizagem	Estímulos do Ambiente Externo	Necessidades cognitivas e afetivas	Estrutura cognitiva interna	Interação da pessoa, comportamento e ambiente	Construção individual e social do conhecimento
Propósito da educação	Produzir uma mudança comportamental na direção desejada	Tornar-se “auto-atualizado”, adulto e autónomo	Desenvolver capacidade e habilidades para aprender melhor	Aprender novos papéis e comportamentos	Construir conhecimento
Papel do professor	Organizar o ambiente de modo a provocar a resposta desejada	Facilitador do desenvolvimento pessoal como um todo	Estruturar os conteúdos da atividade de aprendizagem	Modelar novos papéis e comportamentos	Facilitar e negociar a construção de significados com o aprendiz

¹² Rui Miguel Pepe, *Da Revolução Bolchevique à ditadura estalinista: opções de ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia apresentada ao Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Publicado eletronicamente em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15930/1/ulfpie046973_tm_tese.pdf no formato pdf. pp. 18-19

1.4.1 - Jean Piaget

Jean Piaget é um nome incontornável na psicologia devido ao desenvolvimento do seu trabalho sobre a cognição. Nascido em 1896, marca todo o século XX e influenciando vários autores que os seus ensinamentos piagetianos.

Na teoria de Piaget encontramos duas grandes linhas de trabalho: o **Processo do Desenvolvimento Cognitivo** e a **Teoria dos Estágios do Desenvolvimento Cognitivo**.¹³

“[...] primeiro, os campos de interação em que o sujeito constrói o seu conhecimento e se desenvolve num processo mais global e de auto-regulação e de adaptação ao seu meio e, segundo, os estádios de desenvolvimento da criança.”¹⁴

Acerca do Processo do Desenvolvimento Cognitivo Piaget defendia que *“aquando do seu nascimento [o individuo], possui um património genético que possibilita a interacção com as situações quotidianas que vai experienciando”¹⁵*, ou seja, a partir do nascimento a criança vai adquirindo conhecimentos, a partir de ações e objetos, que ao serem relacionadas entre si criam uma espécie de “proto-conhecimento”¹⁶, criando assim uma visão sobre o mundo.

Ao longo do crescimento do individuo todos estes conhecimentos que adquire vão sendo alterados e adaptados devido às novas experiências vividas e aos relacionamentos com novas pessoas. A este processo de adquirir novos conceitos e atualizar os já adquiridos damos o nome de “assimilação”. Quando esta “assimilação” não ocorre da melhor forma e os novos *inputs* não ajustados com os outros é necessária

¹³ CF. Rui Miguel Pepe, *op. cit.*, p. 20

¹⁴ Yves Bertrand, *Teorias Contemporâneas da Educação* / Yves Bertrand; trad. Alexandre Emílio. 2.^a ed. Col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Instituto Piaget, 2001. p. 66

¹⁵ Jean Piaget, *Problemas de Psicologia Genética*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1972, p. 20

¹⁶ Rui Miguel Pepe, *op. cit.*, p. 20

uma “adaptação” até que estes sejam guardados como certezas. O processo de “adaptação” e “assimilação” denomina-se de “equilibração”.¹⁷

Após esta equilibração, Piaget desenvolve a sua Teoria dos Estágios do Desenvolvimento Cognitivo, dividindo assim o crescimento mental por diferentes etapas de ordenação e formação. Definindo-os assim em quatro estádios e o período etário em que estes podem ocorrer¹⁸:

- O Sensório-motor (até aos 18 meses) ;
- O Pré-operacional (dos 18 meses até aos 7-8 anos);
- O das Operações concretas (Dos 7 aos 12 anos);
- O das Operações formais (depois dos 12 anos).

¹⁷ José Tavares [et al.], *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*, Porto, Porto Editora, 2007, p. 37

¹⁸ Jean Piaget, *op. cit.*, p. 20

1.4.2 – Jerome Bruner

Jerome Bruner, contemporâneo de Piaget, também acredita que o indivíduo passa por diversas etapas durante o processo de desenvolvimento cognitivo. Porém a sua teoria, elaborada na década de 60 do século XX, contraria a teoria de Piaget, defendendo que o desenvolvimento de um indivíduo “*não é uma sequência regular e infalível de acontecimentos*”¹⁹, sendo cada um influenciado pelas suas vivências particulares. A par disso defende que a capacidade mental vai se desenvolvendo, progressivamente, “*acumulando*” às aprendizagens já adquiridas²⁰.

Na sua obra *O Processo da Educação*, Bruner defende o seu ponto de vista sobre a estrutura da aprendizagem dando assim respostas aos porquês das limitações dos alunos:²¹

*“está em fornecer aos alunos um conhecimento fundamental das disciplinas que vamos ensinar”*²², ou seja, “*se a aprendizagem anterior tem como fim facilitar uma aprendizagem posterior, deve fazê-lo fornecendo um quadro geral, nos termos do qual as relações entre as coisas anterior e posteriormente conhecidas, se tornem o mais claras possível*”.²³

Nesta obra do autor, este defende também a aprendizagem por descoberta e em espiral:

*“que qualquer disciplina poderá ser honesta e eficazmente ensinada, numa qualquer forma intelectual, a crianças em qualquer estágio de desenvolvimento”*²⁴e “*[o]currículo em espiral, no qual deve organizar-se trabalhando periodicamente os mesmos conteúdos, cada vez com mais profundidade. A ideia é que os estudantes*

¹⁹ Jerome Bruner, *O Processo da Educação*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 55

²⁰ Idem. *ibidem.*, p. 51

²¹ Rui Miguel Pepe, *op. cit.*, p. 24

²² Jerome Bruner, *op. cit.*, p.35

²³ Idem. *ibidem.*, p. 35

²⁴ Idem. *ibidem.*, p. 51

*modifiquem continuamente as representações mentais que vêm construindo”.*²⁵

Sendo assim esta ideia defende que os alunos captam melhor os conhecimentos através da sua própria descoberta, contrariando a ideia que a informação deve ser cedida ao aluno.

Bruner deixa a sua última ideia de que o professor nesta aprendizagem por descoberta acaba por ocupar o lugar de orientador, ou seja, o professor apenas orienta a atividade de descoberta, resolvendo os problemas e dúvidas que possam surgir. A aprendizagem por descoberta é conseguida quando “os conhecimentos adquiridos se utilizar para lá da situação em que a aprendizagem ocorreu”.²⁶

²⁵ Alberto Ricardo Präss, *Teorias de Aprendizagem*. Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 23

²⁶ Jerome Bruner, *op. cit.*, p.49

1.4.3- Carl Rogers

O pensamento de Rogers centra a sua atenção no aluno, ou seja, contraria o tradicional método de ensino focado no professor e na exposição dos conhecimentos. O aluno é assim o centro do seu método, destacando a sua personalidade e capacidade criativa, através de experiências educativas que o influenciem e o transformem.²⁷

*“Outra intenção mais ampla do meu trabalho é o fato de desejar auxiliar o desenvolvimento de nosso mais precioso recurso natural - as mentes e os corações de nossas crianças e jovens. São a sua curiosidade, a sua avidez por aprender, a sua capacidade de efetuar escolhas difíceis e complexas que decidirão o futuro de nosso mundo”.*²⁸

Carl Rogers defende que a educação centrada no aluno, seguindo os seus gostos, interesses e objetivos e a sua curiosidade é um método mais produtivo e de maior compreensão e adquirecimento de conhecimento para os alunos. Rogers defende ainda que a aprendizagem *“mais do que uma acumulação de factos é uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade”*.²⁹

Deste pensamento surgem várias consequências:

- “Seria possível a qualquer aluno tomar contacto com qualquer problema e escolher qual deseja resolver. Partindo daqui,
- **A aprendizagem pode ser mais fácil se o professor for «congruente»**, isto é, se ele for realista consigo mesmo acerca das atitudes que toma; se for consciente das suas limitações e aceitá-las como parte de si.
- **A aprendizagem significativa seria tanto mais fácil quanto o ensinante aceite e compreenda o aluno tal como ele é.** Trata-se de se

²⁷ Yves Bertrand, *op. cit.*, pp. 41-42

²⁸ Carl Rogers, *Liberdade de aprender em nossa década*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p. 9

²⁹ Idem, *Tornar-se pessoa*, Lisboa, Padrões Culturais, 2010, p. 324

tentar colocar na pele do aprendiz para conhecer a sua dificuldade; «abandonar a minha própria atitude de defesa [...] e tentar compreender como é que a outra pessoa encara e sente a sua própria experiência»³⁰.

Por outro lado,

- **Os estudantes que estejam em contacto real com os problemas da vida, do dia a dia querem crescer, aprender e descobrir»**.³¹

Carl Rogers defende assim que a posição do professor é um facilitador de aprendizagens:

“Posso agora voltar-me para uma atividade, uma resolução que me é muito querida: facilitar a aprendizagem”³² e “deve ser uma pessoa realmente existente, realmente presente a seus alunos; é pelo contacto que se educa. Contacto é a palavra fundamental da educação”.³³

³⁰ Carl Rogers, *Tornar-se pessoa*, Lisboa, Padrões Culturais, 2010, p. 321

³¹ Rui Miguel Pepe, *op. cit.*, pp. 27-28

³² Carl Rogers, *Liberdade de aprender em nossa década*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p. 29

³³ Idem. *ibidem.*, p. 99

Parte II :Contexto Escolar de Lecionação

em forte crescimento, e só existia a Escola de Linda-a-Velha. Iniciou-se com dez turmas de sétimo ano, salientando que nessa altura nem todos os pavilhões estavam concluídos sendo o último a ser edificado o Pavilhão gimnodesportivo. A escola começava assim com uma população muito jovem, tanto a nível de alunos como docentes, docentes estes que iniciaram lá a sua carreira e os que não iniciaram acabariam por fazer as suas carreiras neste estabelecimento. Recordou ainda que, à semelhança de hoje, as Associações de Pais eram muito ativas. Era uma escola muito animada embora o ambiente que a envolvia não fosse o melhor para os jovens, nomeadamente o tráfico de droga.

Alguns anos após a abertura a escola sofreu um défice de alunos, derivado à situação descrita anteriormente, e é neste momento que a escola abre mais duas modalidades: cursos profissionais e currículos alternativos (currículos não-oficiais para alunos com necessidades educativas especiais), este período insere-se na década de noventa do século XX.

Recentemente a escola recebeu a intervenção de obras da “Parque Escolar”.

2.2- A professora cooperante- *Curriculum Vitae*

A professora amavelmente cedeu-nos o seu *curriculum vitae* para que pudéssemos anexar a este trabalho e a trabalhos futuros.

Nome: Maria José Flório M.Duarte G.Ferreira

Data de nascimento: 1 de Março de 1957

Habilitações Académicas:

- Realização dos Seminários do Mestrado em Didática da História (2º Ciclo de Bolonha) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (2007-2008)
- Licenciatura em História, com média final de 15 valores. (1982)

Experiência Profissional:

Docência

- Professora Efetiva e do Quadro de Nomeação Definitiva na Escola Secundária Camilo Castelo Branco (1985 -2017)
- Formadora do Centro Novas Oportunidades da Escola Secundária Camilo Castelo Branco, na área de Cidadania e Profissionalidade (2008-2011)
- Professora do 2º Ciclo, em acumulação, no Colégio Padre António Vieira (Linda-a-Velha), onde lecionou a disciplina de História e Geografia de Portugal e a área de Estudo Acompanhado (2000-2011)
- Classificadora na Bolsa de professores classificadores de História A e B (2011-2015)

Formação de Formadores

- Orientadora de estágios do ramo educacional em colaboração com o Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1991-1996)
- Delegada à profissionalização no modelo de profissionalização em exercício na Escola Secundária de Linda-a-Velha (1982-1983)
- Professora cooperante no Mestrado em Ensino da História (2013-2015)

Outras Áreas

- Membro do Conselho Diretivo (vogal) na Escola Secundária de Carnaxide (1986-1988)

Ações de formação:

- Seminário “Qualificação nos Centros Novas Oportunidades, caminhos trilhados e percursos futuros” Auditório da Escola Secundária Dr. Azevedo Neves, Amadora, Novembro de 2011
- Encontro de Centros Novas Oportunidades, Os Desafios da Formação Práticas e Problemáticas, Escola Secundária Luís Freitas Branco, Julho de 2010
- Congresso da APH, “Imagens de República: Quotidiano e Cultura” Porto, Outubro de 2010
- Curso de Formação “Como mudar para um estilo de vida saudável em contexto escolar, familiar e envolvente?” Faculdade de Motricidade Humana, Setembro de 2010
- Ação de Formação para as equipas dos Centros Novas Oportunidades, Escola Superior de Educação, Universidade do Algarve, Faro, Novembro de 2008
- Oficina de Formação “Questões de Fiabilidade na classificação de respostas a itens de construção no contexto da avaliação externa das aprendizagens”, Escola Secundária Herculano de Carvalho, Junho de 2011
- Sessão de Formação “A sondagem de Informação como Instrumento Pedagógico” Projeto NEPSO (Programa Ciência Viva) Coordenado pelo Observatório Permanente de Escolas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco, Fevereiro de 2007
- Ação de Formação para professores classificadores: Itens e Critérios: definição, construção e aplicação, Maio de 2013

Certificações e competências:

- Coautora de manuais escolares de História do ensino secundário -10º e 11ºanos.
- Membro da Associação dos Professores de História (APH).

2.3- Experiência na escola

Fomos fazer a primeira visita à escola dia 14 de Outubro de 2015. Esta visita foi para nos encontrarmos com a professora cooperante pela primeira vez de modo a conhecermo-nos e a conhecermos também o espaço físico da escola. Desta primeira reunião não tiramos nenhuma grande conclusão pois apenas conhecemos a escola e tivemos contacto com alguns dados das turmas.

Após esta reunião inicial voltámos a contactar a professora e marcámos uma nova ida para reunirmos novamente antes de começarmos a assistir às aulas. Agendámos então para dia 6 de Novembro de 2015. Foi nesta reunião que a professora nos disse mais algumas informações sobre a história da escola (que acima descrevemos) e, após alguma conversa, agendámos então as duas primeiras aulas que viríamos a assistir. O 12º C ficou agendado para dia 11 de Novembro de 2015 e o 12º D para dia 17 de Novembro.

Após várias assistências de aulas, descritas no relatório elaborado para a Unidade Curricular Ensino da História (Teorias e Métodos) no primeiro semestre do ano 2015/16, reunimos no início do segundo período para calendarizarmos as aulas que iríamos lecionar e decidindo a matéria que nos cabia nesse período de tempo. No total lecionamos cinco aulas³⁵ de noventa minutos que descrevemos no Relatório de IPPI.

Ainda nas atividades da escola participamos no conselho de turma do final do segundo período, do ano letivo 2015/16, da qual não posso entrar em detalhes visto que nós e as duas colegas fomos alertados para tal. Também participamos numa visita de estudo ao Museu de Arte Moderna, em Lisboa, onde os alunos puderam observar uma exposição temporária fazendo relação com a matéria de História A e com a de Sociologia. É ainda de salientar que mesmo não lecionando nunca deixámos de ir à escola pois a professora cooperante gostava da nossa participação na vida escolar.

Neste ano letivo (16/17) fomos à escola antes das aulas recomeçarem, de modo a participarmos de maneira mais ativa nas atividades, desde o início, tendo logo assim contacto com o plano anual das atividades previstas para o presente ano. Com o

³⁵ Os *PowerPoints* destas aulas, embora não descritas neste relatório, encontram-se em anexo no CD-ROM, na pasta referente ao 2015/16

decorrer do semestre acordámos em lecionar 4 aulas de 90 minutos com o professor Miguel Monteiro, deixando as 5 aulas do bloco a lecionar para o Relatório de Aulas Supervisionadas para o segundo semestre. Também acordamos que lecionássemos duas aulas individualmente e outras duas a par com a Ana Lopes, nossa colega.

Ainda durante este ano fomos e ajudámos à concretização de uma Visita de Estudo ao Museu da Cidade de Santiago do Cacém e às ruínas de Miróbriga. Esta Visita teve como intenção o fecho da matéria relacionada com o modelo da Roma Antiga, sendo assim uma forma dos alunos contactarem com a realidade estuda por eles anteriormente.

Após a realização da visita fomos ainda algumas vezes à escola reunir com a professora cooperante com o fim de organizarmos o bloco das cinco aulas a dar. As nossas aulas assentaram no início da Idade Moderna, com as novas ideias renascentistas e humanistas, e na expansão e conhecimento do mundo, abordando a temática dos Descobrimentos portugueses e do seu impacto na vida deste período. Não nos pretendemos alongar sobre este ponto pois é nele que consiste o nosso Relatório de Prática Letiva Supervisionada.

Em ambos os anos letivos também podemos contar com a participação do nosso professor e orientador deste relatório, professor Miguel Monteiro, que nos presenteou na escola com duas palestras (uma em cada ano letivo).

O balanço destes dois anos na Escola Secundária Camilo Castelo Branco é muito positivo. Fomos desde logo integrados no meio docente da Escola e todos nos receberam como “colega” e não como um aluno duma faculdade. O ambiente na escola foi sempre bom, permanecendo sempre um bom contacto com a professora cooperante, o restante corpo docente e não-docente. Uma aprendizagem e experiência que muito nos enriqueceu e nos ensinou.

2.4- As turmas

No ano letivo 2016/17 a professora Maria José Ferreira encontrou-se a lecionar em duas turmas de décimo ano, sendo elas a turma D e.

Turma D:

Nr. Total de alunos: 31

Masculino: 12

Feminino: 19

A média de idades era de 15,3 anos. Era uma turma composta por duas nacionalidades tendo 28 alunos portugueses e 3 alunos brasileiros.

Turma E:

Nr. Total de alunos: 33

Masculino: 11

Feminino: 22

A média de idades era de 15,2 anos. Era uma turma composta por algumas nacionalidades diferentes tendo 29 alunos portugueses, 3 alunos cabo-verdianos e 1 brasileiro.

Tendo nós lecionado na turma 10º D³⁶ passámos à exposição de alguns gráficos de dados de análise da turma.

³⁶ Anexo 1 – Fotografias da turma.

Gráfico 1 - Distribuição dos alunos por idades

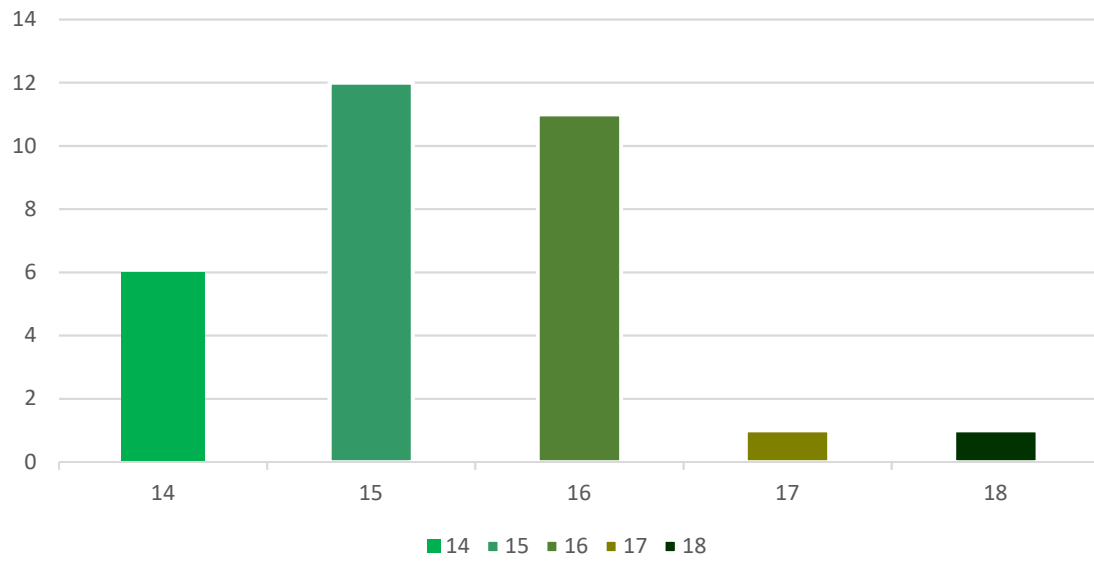


Gráfico 2 - Distribuição dos alunos por género

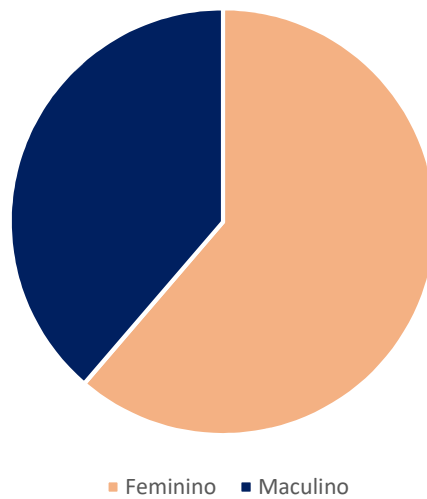


Gráfico 3 - Distribuição dos alunos por nacionalidade

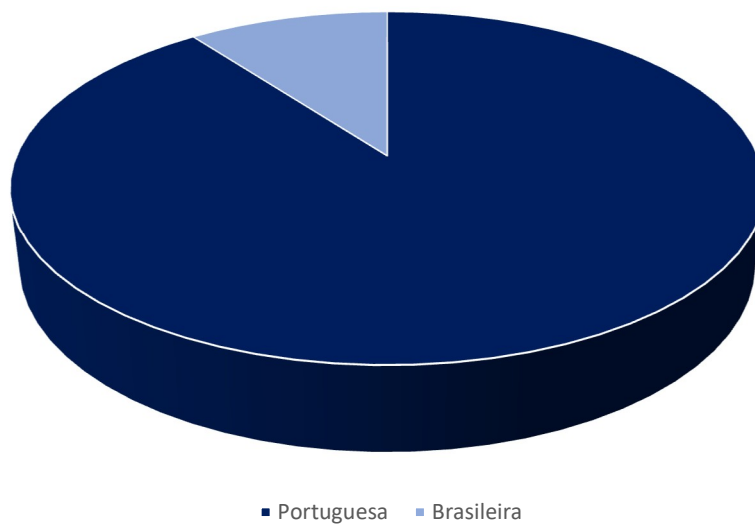


Gráfico 4- Número de retenções

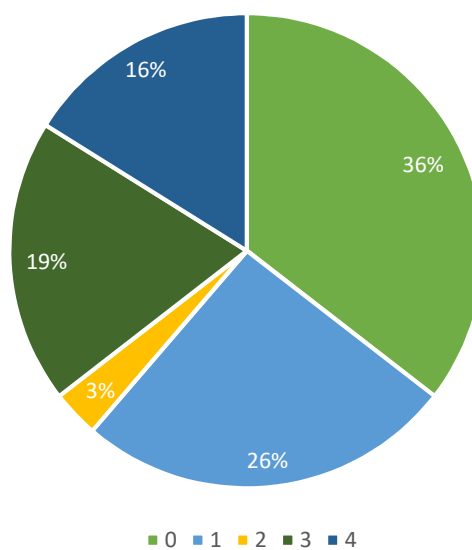


Gráfico 5 - Disciplinas com nota negativa no ano letivo 2015/2016

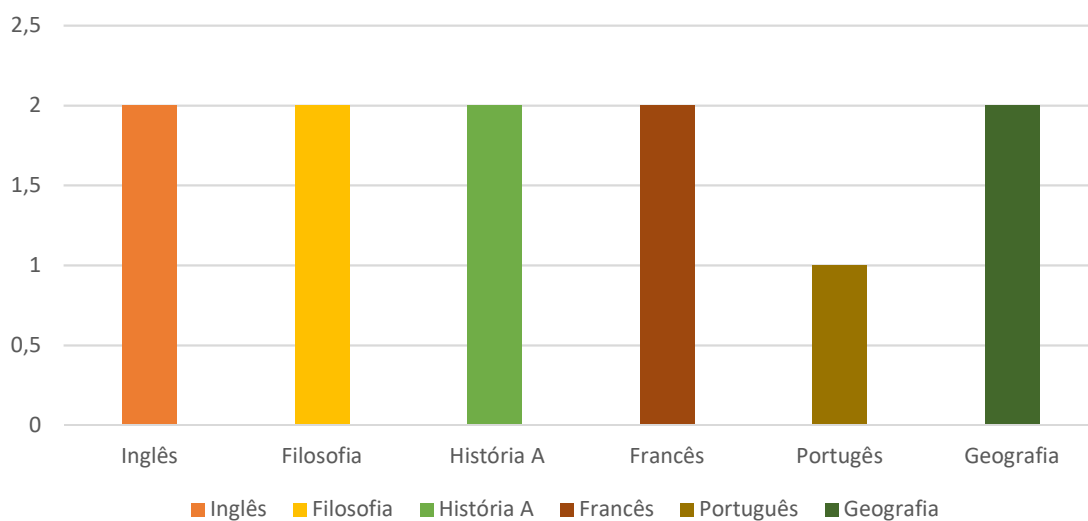


Gráfico 6 - Grau de parentesco dos Encarregados de Educação

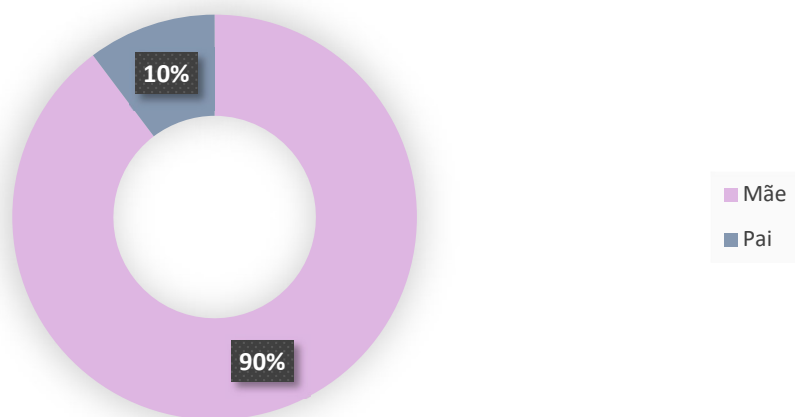
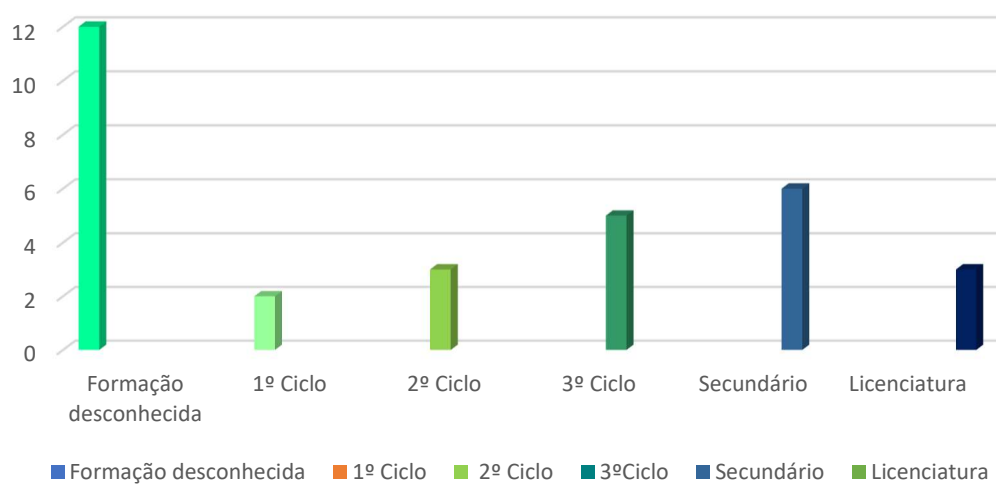


Gráfico 7 - Formação Académica dos Encarregados de Educação



Parte III: Prática Letiva Supervisionada

3.1- Contextualização das matérias lecionadas

As matérias lecionadas na prática letiva supervisionada são as que dão título a este relatório – *A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo* – previstas inicialmente para abarcarem dois capítulos do manual adotado pela escola (*Linhas da História* da Areal Editores), mas que acabou por se alongar para mais outro capítulo, que estava interligado com o primeiro.

Esta alteração de estratégia e organização foi pensada e ponderada entre nós e a professora cooperante, uma vez que na escola somos apenas mestrandos a desempenhar um determinado papel pedagógico e didático ao abrigo dum protocolo entre duas instituições. A docente cooperante marca o “rumo” que considera mais importante na sua própria gestão do programa. Deste modo abordamos no primeiro capítulo, *A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos*. Seguidamente lecionámos dois temas do terceiro capítulo e regressámos, como já referimos atrás ao segundo capítulo, *O alargamento do conhecimento do mundo*. Esta adaptação estrutural e de organização, da responsabilidade da docente cooperante, deveu-se à simplicidade e superficialidade que encontrámos no primeiro capítulo que, por sua vez, se encontrava desenvolvida no capítulo designado *A produção cultural*.

As matérias que lecionámos incidiram no início da Época Moderna estando assentes em conceitos como o Renascimento, o Humanismo, o Mecenate, o Cosmopolitismo, entre outros. Também lecionámos a matéria correspondente aos Descobrimientos Portugueses, à sua importância no conhecimento do mundo, às inovações que aplicaram, aos impactos que causaram no comércio europeu, a importância dos portos ibéricos, por exemplo.

Foram estas matérias que acabaram por intitular este Relatório de Prática Letiva Supervisionada.

3.2- Aulas da Prática Letiva Supervisionada

3.2.1- Aula 1



Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 1

Tema: A abertura europeia ao mundo – mutações dos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI Unidade didática: “A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos” e “O alargamento do conhecimento do mundo”	
Sumário: A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos: os principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações.	Data: 19-4-17 Lição: 151/152
Aprendizagens específicas	
<ul style="list-style-type: none">- Identificar os desafios que se colocaram à Europa no século XV.- Explicitar as condições que fizeram de Itália o berço do Renascimento.- Destacar a importância do legado da Antiguidade Clássica.- Referir o papel desempenhado pela imprensa na difusão das novas ideias.- Identificar os focos de difusão do Renascimento na Europa.- Enunciar as manifestações do Renascimento nos diferentes países europeus.	Avaliação <ul style="list-style-type: none">-Atenção dos alunos face à visualização do documentário.-Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções)-Questões sobre a leitura e interpretação do documento histórico.
Questões orientadoras <ul style="list-style-type: none">- Quais os desafios que se colocaram à Europa no século XV?- Quais as condições que fizeram de Itália o berço do Renascimento?- Qual a importância do legado da Antiguidade Clássica para a cultura renascentista?- Qual o papel desempenhado pela imprensa na difusão das novas ideias?	

<p>- Quais os focos de difusão do Renascimento na Europa?</p> <p>- Quais as manifestações do Renascimento nos diferentes países europeus?</p>	
<p>Situações/estratégias de aprendizagem</p> <p>Escrita do sumário no quadro. (5min.) Explicação dos objetivos da aula. (7 min.) Entrega do guião para o documentário. (3 min.) Visualização do documentário sobre o Renascimento. (30 min.) Discussão professor-alunos sobre os aspetos retirados do documentário para o guião sobre os conceitos que se pretendem aprofundar nesta aula. (20min.) Leitura e interpretação (resposta às perguntas apresentadas) individual de um documento histórico do manual sobre “A difusão do Renascimento” (p. 11, 12) (20 min.) Resumo e conclusões da aula transmitidas pelos alunos. (5 min.)</p>	<p>Recursos</p> <p>-Computador e projetor: Power point</p> <p>-Manual</p> <p>-Quadro, Caderno, esferográfica.</p>
<p>Conceitos:</p> <p>Renascimento; Época Moderna</p> <p>Vocabulário: Mecenas, Intelectual, Imprensa, Renovação cultural</p>	

Descrição

A aula decorreu no dia 19 de Abril de 2017, tendo o seu horário previsto para as dez horas. Os alunos só entraram na sala de aula às dez horas e dez minutos, o que veio a dificultar o cumprimento da planificação prevista. Apesar de ter sido de noventa minutos, a entrada tardia e barulhenta fez perder tempo, porque como, habitualmente, os alunos entraram na sala de aula de forma agitada e indisciplinada, pelo que optámos por não os repreender logo no início.

Após uma breve apresentação (visto que já tínhamos feito o mesmo no primeiro período) exibimos o diapositivo do *PowerPoint*³⁷ com o sumário para esta aula. Depois dos alunos terem redigido o sumário nos seus apontamentos começámos a aula propriamente dita: com uma breve explicação do que iria acontecer na mesma e a matéria que começámos a lecionar nesse dia, mas sem fazer grande aprofundamento.

³⁷ Anexo 2 – Aula 1, em CD-ROM

De seguida exibimos um documentário o Renascimento, para o qual demos a cada aluno um guião com questionário³⁸.

Depois da visualização do documentário, que durou cerca de trinta minutos, passámos à explicação da matéria em forma de correção do guião e tendo como suporte o *PowerPoint*, onde definimos os principais conceitos (Renascimento e Humanismo). A explicação da matéria foi feita sobre uma exposição dialogada entre o professor e os alunos. Para consolidação desta parte da aula apresentámos um quadro com as diferenças entre os valores medievais e os valores renascentistas.

Valores medievais	Valores renascentistas
1. O tempo pertence a Deus. Assim, é pecado emprestar dinheiro a juros, ou seja, cobrar juros pelo tempo em que ele teve emprestado.	1. O tempo pertence ao homem que deve, portanto, usá-lo em benefício próprio.
2. A fé é mais importante que a razão.	2. Razão e fé são importantes.
3. As ações coletivas são valorizadas. As pessoas consideram-se membros da cristandade.	3. Valorizam-se o talento e a capacidade de cada um. Individualismo.
4. Deus está no centro das atenções. (teocentrismo)	4. O homem está no centro das atenções. (antropocentrismo)
5. O corpo é fonte de pecado.	5. O corpo é fonte de beleza.

Quadro 2 – Os valores medievais vs. os valores renascentistas.

Após a exibição do quadro tínhamos preparado a apresentação de várias imagens de pinturas do período que começámos a lecionar, exemplificando a arte neste período e os seus artistas. Contudo, o mau comportamento dos alunos, quando começámos a projetar as imagens, levou-nos à decisão de abortar a projeção, como forma de castigo e, tentar, que os discentes se acalmassem, atitude que acabou por acontecer embora não na totalidade. Esta decisão acabou por nos ajudar a cumprir a planificação pois neste momento entrámos no último ponto da planificado. Consistiu na leitura e interpretação de um documento histórico, intitulado “*A difusão do Renascimento*”, presente no manual adotado pela escola, não esquecendo que o documento é uma fonte fundamental para o ensino da história.

³⁸ Anexo 3 – Questionário do Documentário sobre o Renascimento

“(...) mas enquanto o conhecemos [o passado], e nós não o podemos conhecer se ele não nos legou documento (...) mas admirarmo-nos, irritarmo-nos com isso é tão absurdo como revoltarmo-nos contra um carro avariado por falta gasolina: a História faz-se com documentos como o motor de explosão funciona com carburante.”³⁹

A atividade foi realizada de forma individual com as respostas nos cadernos pessoais dos alunos. Enquanto os mesmos resolviam a atividade escrevemos no quadro o trabalho para casa que consistiu apenas numa pesquisa rápida dos principais mecenas do Renascimento. Após quase todos os alunos terem terminado a interpretação do documento passámos à correção oral do mesmo. No final da correção da atividade explicámos o que tínhamos escrito no quadro e avisámos que desenvolveríamos esse tema na aula seguinte, sendo obrigatória a entrega numa folha A4. Com a explicação do trabalho para casa a aula terminou e os alunos saíram mais uma vez de forma desordeira e indisciplinada.

*

No geral, achámos que os objetivos foram alcançados e cumpridos todos os aspetos pretendidos, bem como abordados todos os conceitos previstos e cumprido as metodologias definidas. Contudo, não podemos deixar de lamentar que a indisciplina de muitos alunos, a falta de pontualidade e, até, a má educação em sala de aula, tenha dificultado a concretização do plano para esta aula e tenha posto em causa o esforço realizado pelo mestrando. Queremos igualmente salientar que a indisciplina em sala de aula não teve como consequência a expulsão dos alunos para o exterior, porque a docente cooperante não sendo apologista de “mandar para a rua” não nos autorizou a que optássemos por esse método. Compreendemos a atitude porque são determinações da escola. Contudo, achámos que o nosso desempenho poderia ter sido melhor sem as contínuas interrupções chamar à atenção dos mal comportados.

³⁹ MARROU, H-I, *Do Conhecimento Histórico*, Lisboa, Ed. Aster, 1976, p. 62.

3.2.2- Aula 2



Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 2

Tema: A abertura europeia ao mundo – mutações dos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI Unidade didática: “A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos” e “O alargamento do conhecimento do mundo”	
Sumário: Os caminhos abertos pelos humanistas: o mecenato, o classicismo, a afirmação das línguas nacionais, o individualismo, o espírito crítico, racionalidade e utopia.	Data: 21-4-17 Lição: 15 3/154
Aprendizagens específicas	
<ul style="list-style-type: none">- Destacar o papel da cultura no contexto social dos séculos XV e XVI.- Referir o papel cultural e social da Corte no Renascimento.- Analisar o contributo da educação para a distinção social.- Salientar as características do comportamento na sociedade de Corte.- Enunciar as marcas de distinção e de ostentação das elites.- Analisar as características do cortesão.- Destacar o papel da mulher na Corte do Renascimento.- Identificar os principais focos culturais na Europa dos séculos XV e XVI.- Analisar as condições que permitiram a afirmação dos artistas e intelectuais.- Explicar a importância da política de mecenato.- Referir os meios utilizados pelas elites do Renascimento para celebrarem a fama e a glória.- Referir o significado do termo humanista.- Destacar os princípios defendidos pelos humanistas.	Avaliação <ul style="list-style-type: none">-Atenção dos alunos face à visualização do documento.- Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções)- Apresentação – oralidade e qualidade

<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar as características da educação humanista. - Identificar os autores humanistas e as suas obras que contribuíram para a afirmação das línguas nacionais. - Destacar os aspetos da Antiguidade Clássica valorizados pelos os autores humanistas. - Identificar os contributos dos humanistas para a renovação cultural da Europa. - Analisar a conceção do Homem defendida pelos humanistas. - Destacar o contributo dos humanistas para a afirmação do espírito crítico. - Identificar as críticas feitas pelos humanistas à sociedade do seu tempo. - Referir os motivos que conduziram à criação de utopias. 	<p>do discurso.</p>
<p>Situações/estratégias de aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> -Sumário e revisão da aula anterior. (10 min) -Explicação da matéria a ser trabalhada na aula. (10 min) -Trabalho em grupos (pelos alunos) sobre as diversas temáticas da matéria. (40 min) - Apresentação dos diversos trabalhos. (30 min) 	<p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador e projetor: Power point -Manual -Quadro, Caderno, esferográfica.
<p>Conceitos:</p> <p>Humanista, Antropocentrismo</p> <p>Vocabulário: Mecenate, Mecenas, Individualismo, Espírito crítico, Racionalidade, Utopia</p>	

Descrição

A descrição desta aula não é de todo a mais extensa pois a aula consistiu na realização de trabalhos de grupo, pelos alunos. Adotámos esta metodologia por diversos motivos entre eles para tentar combater o mau comportamento dos alunos e a

relação entre si, pois, como em qualquer turma, existem diversos núcleos que não se relacionam. Assumindo uma posição semi diretiva, dividimos a turma em cinco grupos, porque entendemos que o professor deve intervir na escolha dos mesmos para melhorar o nível e obstar a que os alunos escolham apenas com quem querem trabalhar. A cada grupo foi distribuído um dos seguintes temas: *A ostentação das Cortes; O estatuto dos intelectuais e artistas; Classicismo e modernidade; As línguas nacionais; Individualismo, espírito crítico, racionalidade e utopia.*

Para desenvolvimento deste trabalho indicámos a cada grupo as páginas do manual que tinham que consultar para realizar a tarefa e, ainda, algumas perguntas-tópico⁴⁰ a tratar a cada trabalho.

O desenvolvimento dos trabalhos correu com normalidade e o comportamento da turma esteve um pouco melhor do que noutras aulas, embora, alguns grupos tenham demorado mais tempo que o previsto a concluir o trabalho escrito, o que impediu que todos fizessem a sua apresentação nesta aula. Após a conclusão dos trabalhos passou-se à apresentação dos mesmos que, como referi acima, só foi possível a apresentação do primeiro trabalho com a temática *A ostentação das Cortes*. Após esta apresentação a aula terminou com o toque de saída.

*

Na nossa opinião a aula correu bem e os alunos conseguiram concretizar o pretendido. Ressalvamos ainda que a metodologia do trabalho de grupo e pesquisa poderia ser uma boa tática a desenvolver nesta turma, pois a “liberdade” que lhes é dada permitiu que o seu comportamento não fosse tão perturbador como de costume.

⁴⁰ Anexo 4 – Temas dos trabalhos e as respetivas perguntas-tópico.

3.2.3- Aula 3

Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 3

<p>Tema: A abertura europeia ao mundo – mutações dos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI</p> <p>Unidade didática: “A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos” e “O alargamento do conhecimento do mundo”</p>	
<p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da aula anterior. - A Expansão Portuguesa: os descobrimentos, as novas rotas comerciais e o <i>Mare Clausum</i>. 	<p>Data: 26-4-2017</p> <p>Lição: 155/156</p>
<p>Aprendizagens específicas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as condições técnicas que possibilitaram os Descobrimientos. - Identificar as diversas etapas dos descobrimentos portugueses. - Explicar de que forma os Descobrimientos portugueses contribuíram para um novo conhecimento do mundo. - Analisar as diversas rotas comerciais ultramarinas. - Identificar os produtos comercializados entre Portugal e os novos territórios. - Explicar a divisão do mundo entre Portugal e Espanha. - Definir o conceito de <i>Mare Clausum</i>. 	<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> -Atenção dos alunos face à visualização do documentário. -Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções) -Apresentação – oralidade e qualidade do discurso.
<p>Situações/estratégias de aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> -Sumário. (10 min) -Conclusão das apresentações da aula anterior. (30 min) -Conclusão sobre a matéria, pelo professor, através do PowerPoint sobre a matéria desenvolvida nos trabalhos de grupo. (15min) -Visualização de dois filmes sobre a nova matéria que irá ser estudada: A Expansão portuguesa. (10 min) 	<p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Computador e projetor: Power point -Manual -Quadro, Caderno, esferográfica. -Objetos exemplificativos

-Explicação da matéria, em diálogo entre professor-alunos, com recurso ao PowerPoint e a objetos exemplificativos dos produtos comercializados entre o Oriente e Portugal. (20 min) -Conclusão da aula feita pelo professor. (5 min)	dos produtos comercializados.
Conceitos: Descobrimientos, Expansão, <i>Mare Clausum</i> Vocabulário: Descobertas, comércio ultramarino, rotas comerciais, conquista.	

Descrição

A aula decorreu no dia 26 de Abril de 2017, tendo início à hora estipulada com a presença de todos os alunos na sala, verificada após termos feito a chamada. Nesta aula contámos com a presença do coordenador dos mestrados em Ensino da História, e nosso orientador, o Professor Doutor Miguel Monteiro, o qual foi apresentado no começo desta aula.

Após a apresentação do professor, e pelo facto de na véspera se ter comemorado o quadragésimo terceiro ano sob a revolução de 25 de Abril de 1974, decidimos fazer uma breve referência a este dia tão importante para as velhas e novas gerações na procura duma sociedade democrática e livre.

De seguida, concluímos o sumário da aula anterior com a apresentação e avaliação dos trabalhos de grupo. Estes trabalhos tinham como títulos *A ostentação das Cortes; O estatuto dos intelectuais e artistas; Classicismo e modernidade; As línguas nacionais; Individualismo, espírito crítico, racionalidade e utopia*. Na generalidade os alunos conseguiram atingir os objetivos, com exceção de um grupo que não teve sucesso, por falta de organização interna e de trabalho individual. Sabemos bem que quando um grupo falha a culpa é de todos os que o compõem.

As apresentações foram satisfatórias tendo os grupos liberdade para se organizarem e nomearem um porta-voz e/ou apresentarem os seus trabalhos individualmente. Queremos aqui salientar que o grupo que trabalhou *A ostentação das Cortes* foi aquele que se preocupou mais, não só na explicação da matéria que estava no manual, mas também nas fontes históricas utilizadas.

Depois da apresentação dos trabalhos, a aula prosseguiu com uma exposição sumativa dos aspetos que os alunos deveriam ter desenvolvido nos trabalhos pedidos, de uma forma expositiva, com recurso ao *PowerPoint*⁴¹ onde constavam as informações que pretendíamos e com os conceitos mais importantes, nomeadamente *Utopia*.

Depois de apresentarmos todos os aspetos dos trabalhos de grupo, em modo de correção, começámos a nova matéria. Esta matéria abordou os Descobrimientos Portugueses, as suas rotas comerciais e os produtos nelas comercializados. Esta temática encontra-se muito pouco desenvolvida nos manuais do ensino secundário e achamos que é uma falha importante, devido à importância dos portugueses na descoberta do mundo, da natureza, nas trocas comerciais, nas técnicas de navegação e no relacionamento com outras culturas que não as da “velha Europa”.

Para iniciarmos esta aula decidimos utilizar dois filmes, disponíveis na plataforma *E-Manual*, que se completam e que resumem os descobrimientos de novos territórios além-mar, as rotas utilizadas e as personagens relevantes deste período da História de Portugal. Após a visualização dos filmes, aos quais os alunos foram muito recetíveis, começámos a explicação da matéria através duma exposição dialogada professor-alunos, com a apresentação de diversas fontes (mapas, documentos, imagens, esquemas) em *PowerPoint*. Foi neste momento, e depois de sucessivas ameaças, que quatro alunas foram convidadas a sair por cinco minutos da aula, devido ao mau comportamento que estavam a ter a provocar instabilidade na turma, onde se encontrava o professor coordenador e a docente cooperante.

Esta opção foi mais tarde criticada pela professora cooperante, pois como já referimos, docente não aprecia que os alunos sejam expulsos da sala de aula. Após este episódio continuámos a explicação da matéria ao resto da turma. Enquanto explicávamos a mesma, pusemos a circular pelos alunos alguns objetos e produtos de várias procedências que, embora do séc. XX (facto que foi salientado por nós aos alunos), foram representativos dos que eram normalmente comercializados pelos portugueses, como pode ser consultado a seguir (especiarias, tecidos, plantas, tapeçaria e porcelana). Entretanto, as alunas foram autorizadas a entrar na sala a tempo de ver os

⁴¹ Anexo 5 – Aula 3, em CD-ROM

objetos e produtos. A aula prosseguiu agitada, tendo perdido algum tempo na recolha dos objetos, o que impediu a continuação da apresentação em *PowerPoint* que estávamos a fazer, pelo que alguns aspetos ficaram para ser concluídos na aula seguinte.



Fig. 2 - Tapeçaria



Fig. 3 – Especiarias: Cravinho e canela



Fig. 4 – Porcelana Chinesa

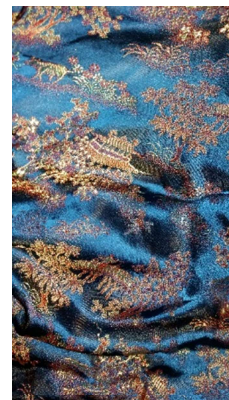


Fig. 5 – Tecido Oriental

*

Esta aula foi para nós, não a mais desafiante, mas a que nos causou mais nervosismo não só pela presença do nosso orientador mas, também, por sabermos o (mau) comportamento que tinha a turma e estarmos a ser avaliados nesse ambiente. Apesar da aula ter sido concluída, tanto em aspetos teóricos como em aspetos metodológicos, ficou marcada, como sempre, pelo meu comportamento dos alunos que fez com que estivéssemos constantemente a interromper a aula para os repreender, o que se tornou muito cansativo para o mestrando. Quanto à situação das alunas que foram mandadas sair, a docente cooperante criticou a nossa atuação e avisou-nos para não o tornarmos a fazer.

3.2.4- Aula 4

Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 4 – 90 minutos

<p>Tema: A abertura europeia ao mundo – mutações dos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI Unidade didática: “A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos” e “O alargamento do conhecimento do mundo”</p>	
<p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da aula anterior. - O Cosmopolitismo de Lisboa e Sevilha. - Ficha de trabalho. 	<p>Data: 28-4-2017 Lição: 157/158</p>
<p>Aprendizagens específicas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os fatores que justificam a importância de Lisboa. - Referir as principais transformações urbanas levadas a cabo em Lisboa nos séculos XV e XVI. - Destacar a importância da Casa da Índia. - Identificar os fatores que justificam a importância de Sevilha. - Realçar a importância da Casa da Contratação. - Identificar os elementos urbanos da cidade de Sevilha no século XVI. - Salientar os elementos reveladores do cosmopolitismo de Lisboa e de Sevilha. 	<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> -Atenção dos alunos face à visualização do documento. - Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções) - Apresentação – oralidade e qualidade do discurso.
<p>Situações/estratégias de aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> -Sumário e revisão da aula anterior. (10 min) -Conclusão da aula anterior. (20 min) 	<p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador e projetor:

<p>-Explicação da matéria, em diálogo entre professor-alunos, com recurso ao PowerPoint sobre o Cosmopolitismo de Lisboa e Sevilha no século XV.(20 min)</p> <p>-Realização de uma ficha de trabalho, individualmente, de consolidação da matéria dada. (35 min)</p> <p>-Conclusão da aula em diálogo professor-alunos. (5 min)</p>	<p>Power point</p> <p>-Manual</p> <p>-Quadro, Caderno, esferográfica.</p>
<p>Conceitos:</p> <p>Cosmopolitismo</p> <p>Vocabulário: Metrópole, Casa da Índia</p>	

Descrição

A aula começou, como havia já acontecido, com um atraso, desta vez, de quinze minutos. Após a entrada dos alunos, passou-se à escrita do sumário seguida da chamada pela nossa parte. Depois da chamada continuamos com o *PowerPoint*⁴² da aula anterior de modo a terminar a matéria e a planificação que tinham ficado incompletas, devido à indisciplina da turma. A turma esteve constantemente desatenta e foi muito difícil captarmos a atenção dos alunos para que o sumário anterior ficasse concluído. Após muitas interrupções na aula conseguimos terminar a matéria da aula anterior.

A temática desta aula era o *Cosmopolitismo de Lisboa e Sevilha*, no seguimento da matéria anterior. Para a explicação desta matéria, recorreremos à utilização do *PowerPoint* com informação a reter e algumas imagens de Lisboa e Sevilha. Explicámos então assim o surgimento do Cosmopolitismo e da importância destas cidades ibéricas para o desenvolvimento do comércio mundial da época que, por sua vez, foi o comércio com outros povos que fez desenvolver a cidade de Lisboa e Sevilha. Terminámos a matéria com uma breve consolidação para que os alunos retivessem os principais aspetos.

⁴² Anexo 6 – Aula 4, em CD-ROM

Passando ao último tópico desta aula os alunos realizaram uma ficha de trabalho⁴³ (nome dado pela docente cooperante), ficha esta que viria a ser a ficha avaliada por nós de modo a desenvolvermos o treino da correção e avaliação. A ficha foi retirada de um manual que nos foi cedido no departamento. Além de fornecermos a ficha aos alunos também fornecemos mais fichas informativas para que eles tivessem acesso a outro tipo de informação, além do manual, para a resolução da ficha. A resolução da ficha foi resolvida com normalidade tendo nalguns casos ter que explicar alguns aspetos aos alunos, principalmente de constituição frásica.

*

Esta aula foi conseguida, porém, a primeira parte da planificação, referente à conclusão da aula anterior foi a mais difícil de conseguir a atenção dos discentes, contudo, a resolução da ficha de trabalho correu dentro da normalidade e, podemos até arriscar a concluir, com alguma facilidade por parte dos alunos. No entanto a professora cooperante achou a ficha demasiado complexa pois os alunos tinham que “descobrir” certas questões nos documentos e na explicação da matéria, método que a esta não agradou, tendo insistido em realizar trabalhos em grupo, pois na sua opinião, era a metodologia que melhor se adaptava ao comportamento dos alunos e retinham mais conhecimentos.

⁴³ Anexo 7 – Ficha de trabalho

3.2.5- Aula 5

Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 5 – 90 minutos

<p>Tema: A abertura europeia ao mundo – mutações dos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI</p> <p>Unidade didática: “A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos” e “O alargamento do conhecimento do mundo”</p>	
<p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Correção da ficha de trabalho. - Contributo português: Inovação técnica e a observação e descrição da natureza. - Matematização do real. - A revolução das conceções cosmológicas. 	<p>Data: 2-5-2017</p> <p>Lição: 159/160</p>
<p>Aprendizagens específicas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os instrumentos de navegação aperfeiçoados pelos portugueses. - Destacar as novas técnicas de navegação desenvolvidas pelos portugueses. - Identificar os recursos técnicos utilizados pela navegação astronómica. - Evidenciar a importância da navegação astronómica. - Identificar as características da representação do mundo até ao século XV. - Explicar de que forma os Descobrimientos portugueses contribuíram para a transformação da representação do mundo. - Explicar a importância da cartografia portuguesa. - Referir os contributos das viagens de descoberta para o desenvolvimento do espírito crítico. - Identificar as manifestações que revelam a consolidação da mentalidade quantitativa. - Explicar a importância da mentalidade quantitativa na vida quotidiana. - Destacar a importância de Nicolau Copérnico para a cosmologia. - Explicar as características da revolução copernicana. 	<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções)

Situações/estratégias de aprendizagem	Recursos
<ul style="list-style-type: none">-Sumário. (5 min)-Correção da ficha de trabalho em conjunto com os alunos. (20 min)-O contributo português: inovação técnica e observação e descrição da natureza. (20 min)- Leitura do manual para resolução das questões (em grupo) apresentadas pelo professor. (30 min)- Conclusão da matéria por parte do professor. (15 min)	<ul style="list-style-type: none">- Computador e projetor: Power point-Manual-Quadro, Caderno, esferográfica.
Conceitos: Navegação astronómica, Mentalidade quantitativa, Revolução copernicana	

Descrição

Esta última aula teve início à hora estipulada e a presença de toda a turma. Iniciámos as atividades com a correção da ficha da aula anterior, de uma forma oral, visto que as mesmas nos foram posteriormente entregues para que pudéssemos corrigir e avaliar em casa, tendo a maioria dos alunos conseguido realizar satisfatoriamente a tarefa. A correção oral teve momentos em que os alunos se ofereceram para responder pelo que, após as respostas tivemos, que convidar outros a intervir de modo a alargar a um grupo mais extenso o exercício de correção.

No momento seguinte passámos, com o auxílio do *PowerPoint*⁴⁴, à matéria a lecionar nessa aula, seguindo cronologicamente os conteúdos da aula anterior e indo ao encontro de várias questões que tinham sido abordadas na ficha de trabalho, tendo como grande tema o contributo português na inovação das navegações, da observação

⁴⁴ Anexo 8 – Aula 5, em CD-ROM

da natureza, na cartografia, entre outros aspetos e estudos ligados à descoberta, conhecimento e exploração do “Novo Mundo”.

Para esta explicação optámos por utilizar um suporte em *PowerPoint* com tópicos resumidos e algumas imagens elucidativas do que estivemos a explicar, como se pode verificar na imagem que a baixo apresentamos. Ao longo da explicação da matéria, e como se verificou em todas as aulas, os alunos estiveram quase sempre desatentos e a conversar entre eles, o que perturba e cansa os docentes.

Após a conclusão desta parte da matéria apresentámos aos alunos no *PowerPoint* duas perguntas para que as resolvessem, em grupos, utilizando o manual como referência para procurarem as respostas. Esta metodologia foi adotada porque quando a aplicámos numa aula anterior obtivemos sucesso e sentimos os alunos mais calmos e atentos, pelo que seguimos os conselhos da docente cooperante em aplicar esta metodologia novamente.

Os alunos resolveram a tarefa dentro do tempo fixado sem grande dificuldade e sem grande agitação, que acabou por acontecer quando passámos à correção com o recurso ao *PowerPoint* onde continhamos as respostas que os alunos tinham que responder.

A aula acabou com um breve resumo e uma despedida da nossa parte e votos de sucesso futuro.

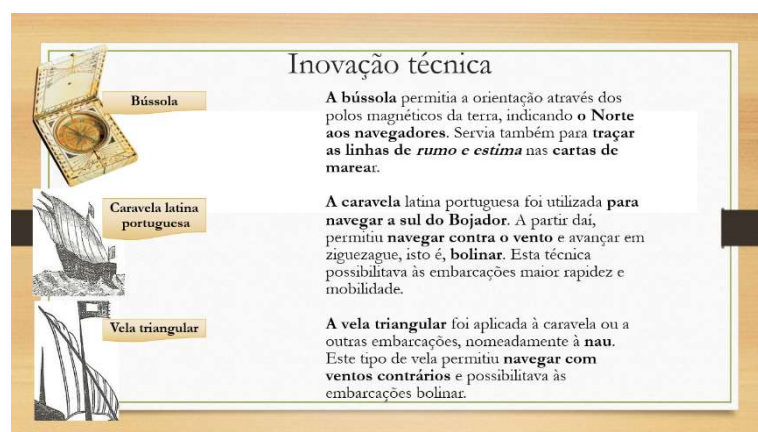


Fig. 6 – Slide do *PowerPoint* da quinta aula lecionada pelo mestrando

*

A nosso ver a aula, tal como as outras, teve como problema maior o mau comportamento dos alunos e o seu desinteresse pela aprendizagem e estudo o que dificultou, mais uma vez a aula. De facto, um dos problemas sérios que os jovens mestrados enfrentam porque não têm ainda grande experiência, advém do facto da falta de preparação no enfrentamento da indisciplina em sala de aula.

Contudo e mesmo tendo em conta o que acabámos de escrever achamos que a aula correu bem e que o trabalho de grupo conseguiu criar um momento mais pacífico dentro da sala. Defendemos que o trabalho individual ou de grupo em cada aula é uma forma dos docentes controlarem a indisciplina, o que trás como consequência atrasos no desenvolvimento e consecução da matéria prevista. Porém, salientamos que tendo aceite os repetidos apelos da professora cooperante para realizarmos trabalho de grupo, inicialmente não víamos a necessidade da sua aplicação.

3.3 – Outras aulas lecionadas

O tema que escolhemos, e aceite pela professora cooperante, lecionar foi “*O Modelo Romano*” e os subtemas “*A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática*” e “*A padronização do Urbanismo*”. A pesquisa para a preparação foi realizada através de apontamentos pessoais das aulas de História da Antiguidade Clássica, recurso ao manual adotado na escola e, ainda, o recurso à internet, fundamentalmente para recursos audiovisuais. A turma escolhida para trabalhar foi o 10ºD.

Duas destas aulas foram lecionadas individualmente e outras duas aulas foram lecionadas com a nossa colega Ana Lopes, método acordado e aprovado previamente pelo nosso orientador e pela professora cooperante.

3.3.1- Aula 1

Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 1

<p>Tema: O Modelo Romano. 2.2 – A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática.</p> <p>2.2.1 – A padronização do Urbanismo</p>	
<p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Cultura Romana: Pragmatismo e influência helénica. - A padronização do Urbanismo. 	<p>Data: 7/11/2016</p> <p>Lição: 40/41</p>
<p>Aprendizagens específicas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Explicar e identificar o pragmatismo e a influência helénica na Cultura Romana. - Identificar o conceito de Urbe. - Explicar a padronização do urbanismo romano. - Diferenciar o diferente urbanismo das cidades romanas: domus; insula; fórum, - Reconhecer os diferentes monumentos romanos e a sua utilidade: Coliseu; circo-máximo. - O urbanismo e a sua utilização na vida quotidiana. 	<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções) - Questões sobre a leitura e interpretação do documento histórico.
<p>Questões orientadoras</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais os elementos arquitetónicos de influência helénica? - Qual o principal espaço público das cidades romanas? - Quais as características do urbanismo romano? - Qual a originalidade e inovação das construções romanas? 	
<p>Situações/estratégias de aprendizagem</p> <p>Entrada e escrita do sumário no quadro. (5min.) Explicação do professor, com recurso ao Power Point, sobre “A Cultura Romana: Pragmatismo e influência helénica”. (20 min.) Exercício, em pares, sobre a influência helénica. (15 min.)</p>	<p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador e projetor:

Discussão professor-alunos sobre “A padronização do Urbanismo Romano”. (30min.) Exercício (resposta às perguntas apresentadas), em pares, manual (p. 90) (15 min.) Conclusões da aula em diálogo com o professor e os alunos. (5 min.)	Power point -Manual -Quadro, Caderno, esferográfica.
Conceitos: Urbe; Fórum; Pragmatismo; Urbanismo	

Descrição:

A aula começou dez minutos após o toque de entrada pois deixámos que os alunos se acalmassem. Após este momento apresentámo-nos e expomos o sumário que estava no *PowerPoint*.⁴⁵ Por este motivo o plano de aula não ficou totalmente cumprido, deixando a última parte por cumprir, o que a professora cooperante disse não ser problemático, tal como tinha referido no ano anterior.

A primeira aula tinha como objetivo uma pequena introdução à nova matéria através do *PowerPoint* e ao manual, sendo que no *PowerPoint* constava os conceitos que tinha a reter sobre a matéria. Após isso os alunos realizaram um exercício, em pares, sobre a influência helénica na cultura romana, com recurso a documentos históricos, que foi corrigido também no *PowerPoint*. Neste momento os alunos não tiveram a melhor prestação, pois esta turma, talvez devido a ser tão grande, era muito distraída e barulhenta. Contudo a maioria dos alunos conseguiram resolver o exercício. Após este exercício continuámos com uma exposição-dialogada da matéria, sempre com o auxílio do *PowerPoint*, onde estavam algumas imagens e a matéria que os alunos tinham que reter, e também com o auxílio do manual. Durante este momento tivemos que, com alguma regularidade chamar á atenção os alunos para não se distraírem em conversas paralelas.

⁴⁵ Anexo 9 – Aula 2.1, em CD-ROM

Devido ao pequeno atraso no início e à sistemática advertência por nossa parte o último exercício não foi resolvido, deixando-o para a aula seguinte.

A aula correu normalmente e como tínhamos planejado. Os alunos mostram-se interessados, tendo em conta o seu comportamento mais distraído e barulhento. A metodologia que utilizámos foi maioritariamente expositiva com algum diálogo questionado com os alunos. Além da exposição dialogada usámos um *PowerPoint* onde introduzimos algumas imagens referentes à matéria de forma aos alunos acompanharem visualmente a matéria. Também nesta aula tivemos atenção em introduzir uma atividade que usassem o documento histórico para que os alunos aprendam a saber analisar o documento com mais facilidade. Apesar de termos achado que a aula correu como esperado e a cooperante também achar o mesmo, salientando e recomendado a nossa atitude inicial de deixar acalmar os alunos, achamos que a aula poderia ter sido mais dinâmica da nossa parte que, na nossa opinião, pela densidade da matéria não conseguimos fazer. É de referir ainda que estiveram presentes todos os alunos.

3.3.2- Aula 2

Mestrado em Ensino da História

António José Moreira Colaço

Plano de aula 2

<p>Tema: O Modelo Romano. 2.2 – A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática.</p> <p>2.2.1 – A padronização do Urbanismo</p>	
<p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da aula anterior. - A fixação de modelos arquitetónicos e escultóricos. 	<p>Data: 8/11/2016</p> <p>Lição:</p>
<p>Aprendizagens específicas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as diferenças e semelhanças entre a arquitetura grega e romana. - Reconhecer e identificar as inovações arquitetónicas romanas. - Explicitar as funções dos monumentos. (Arco, <i>ara pacis</i> e coluna). - Caracterizar a escultura romana. 	<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> -Participação oral dos alunos (quantidade e qualidade das intervenções) -Questões sobre a leitura e interpretação do documento histórico.
<p>Questões orientadoras</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais os elementos arquitetónicos de influência helénica? - Qual a originalidade e inovação das construções romanas? 	
<p>Situações/estratégias de aprendizagem</p> <p>Entrada e escrita do sumário no quadro. (5min.)</p> <p>Conclusão da aula anterior (revisões e exercício da p. 90 do manual). (25 min.)</p> <p>Discussão professor-alunos sobre a arquitetura romana. (15min.)</p> <p>Exercício: Leitura das páginas 98 à 101, pelos alunos, em grupos de 4. Resolução dos exercícios da p. 99 e 101. Apresentação das respostas elaboradas por cada grupo. (20 min)</p> <p>Síntese, pelo professor, sobre a escultura romana. (10 min.)</p> <p>Conclusões da aula em diálogo com o professor e os alunos. (15 min.)</p>	<p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Computador e projetor: Power point -Manual -Quadro, Caderno, esferográfica.

Conceitos: Pragmatismo	
---	--

Descrição

A aula começou à aula, novamente com dez minutos de atraso, devido ao mesmo motivo da aula anterior, tendo eu tomado a mesma atitude de deixar os alunos acalmar. Após expor o sumário, como não tinha concluído o plano de aula anterior comecei a minha aula por fazer um pequeno resumo do que tinha sido dado anteriormente e explicando o que aconteceria nesta aula. Depois disto comecei a terminar o plano anterior, com o exercício da p. 90 do manual, em pares, por conselho da professora cooperante. Depois da correção do exercício comecei a aula voltando a recorrer ao método expositivo com algum diálogo, com o apoio do manual e do *PowerPoint*⁴⁶.

De seguida os alunos agruparam-se em quatro e tiveram que ler da página 98 à 101 do manual e resolver os exercícios da p. 99 e 101. Inicialmente este trabalho era para ser apresentado, mas devido à falta de tempo acabou por ser feito numa folha à parte para me entregarem. Durante este exercício andei de grupo em grupo a esclarecer algumas dúvidas que iam surgindo. Após a conclusão do exercício acabei a aula por explicar o que eles tinham acabado de fazer através de uma síntese apresentada no *PowerPoint*. Estes exercícios foram corrigidos e posteriormente entregues. Deste exercício faço um balanço positivo porque a maioria dos grupos conseguiu atingir o que era pretendido. Senti os alunos mais cooperantes e mais integrados na matéria no que na aula anterior, existindo várias questões que com o seu esclarecimento acabei por explicar a matéria.

Não acho que tenha sido o meu melhor desempenho nesta aula visto que a matéria lecionada era muito densa e não conseguir criar a dinâmica que pretendia nestas duas aulas. No entanto a professora cooperante não achou que tivesse corrido mal, mas que realmente tive aulas melhores no ano passado, mas que, no entanto, foram duas aulas bastante válidas. Aconselhou-nos também que podíamos ter tornado

⁴⁶ Anexo 10 – Aula 2.2, em CD-ROM

A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: uma proposta didática

a aula mais dinâmica, fazendo-o através de uma maior exploração das imagens que levávamos, as quais, na sua opinião, eram bastante boas e interessantes.

3.2.3- Aula 3

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 3º aula - **Ana Sofia Lopes e António Colaço**



Turma: 10º D Data: 13/12/2016	
Tema/subunidade temática: O espaço Civilizacional Greco-Latino à beira da mudança.	Sumário: - Visualização do filme “A Ressurreição” no âmbito da Origem e difusão do Cristianismo no Império Romano
Aprendizagens Específicas: <ul style="list-style-type: none">o Demonstrar a difusão do culto monoteísta num Império politeísta e as suas implicações;o Contextualizar a revolta e as perseguições feitas aos cristãos pelos romanos;o Fundamentar as razões para uma mudança de culto e como essa mudança foi realizada;o Refletir sobre a temática do Cristianismo: sua história/origens e modelos de Ação.	
Questões Orientadoras: <ul style="list-style-type: none">- Como foi difundido o culto monoteísta no vasto Império Romano e quais as implicações que teve?- Quais foram as respostas ao culto monoteísta? Explicando como se sucederam as sucessivas revoltas e perseguições feitas aos cristãos?- Quais as razões para a alteração de culto e como a mudança foi realizada?- Como se deu a origem do Cristianismo e como foram os seus modelos de ação e reflete sobre essa mesma temática?	Conceitos: <p>Igreja Romano-Cristã</p>
Situações/estratégias de aprendizagem: <p>Entrada, Sumário (5 minutos)</p> <p>Entrega de um pequeno guião aos alunos elaborado pelos professores (2 minutos)</p> <p>Explicação da temática que irá ser visualizada no filme e alerta sobre situações-chave para resposta a uma ficha de trabalho a realizar (2 minutos)</p>	

Visualização do filme “A Ressurreição” (80 minutos)	
Recursos: Projektor, Filme Didático, Guião	Avaliação: Atitudes/Comportamentos

Descrição

Esta aula foi elaborada e conseguida em parceria com a minha colega Ana Sofia Lopes. A unidade didática a tratar foi o “*Espaço Civilizacional greco-latino à beira da mudança*”, sendo que a subunidade foi a “*Origem e difusão do Cristianismo no Império Romano*”. Para lecionarmos esta matéria decidimos recorrer a um filme, utilizando assim este recurso didático. O filme que acabamos por escolher, por conselho do professor Miguel Monteiro, foi o “Ressurreição” de 2016, que aborda a origem da nova doutrina religiosa (a religião católica) e a sua irradiação pelo mundo. O filme retrata o início da doutrina católica, logo com a crucificação e morte de Cristo, o seu sepulcro, a ressurreição e depois a procura do Seu corpo. O filme retrata a busca do corpo de Cristo, por um centurião romano, a mandado do governador Pôncio Pilatos. Com a busca pelo corpo de Cristo e dos seus discípulos, o centurião acaba por se converter ao cristianismo abandonando assim a sua vida como cidadão romano. A sua conversão tem como base as aparições de Cristo a que ele assiste. Além de toda a história que envolve o dogma cristão é também possível a observação de diversos aspetos quotidianos da vida romana, fazendo assim uma “ponte” entre matérias anteriores com a atual.

Na aula estavam presentes 31 alunos A aula iniciou-se às 10 horas da manhã, à qual os alunos, como é habitual, foram entrando de forma agitada, mas tolerável. Começamos então à explicação da aula e o porquê da visualização do filme contextualizando a matéria, com a escrita, no quadro, dos aspetos do filme a reter. Ao começar a passar o filme deparámo-nos que o computador da escola não reconhecia as legendas, tendo assim que os alunos assistir à visualização sem estas, mesmo alguns alunos, após questionados, terem alertado que não entendiam inglês. Além de não serem detetadas as legendas as colunas também eram fracas, o que nos obrigou ao

longo do filme irmos fazendo alguns alertas, sendo alguns também feitos pela professora Maria José, sobre o desenrolar da história. A turma, que ao início demonstrou algum desinteresse, começou a ficar mais interessada assistirem a cenas mais chocantes, o que é normal na idade, como por exemplo, a crucificação de Cristo. A visualização do filme, como já disse, foi feita com diversas intervenções dos professores em sala até ao final da aula, faltando ainda 55 minutos de filme para ser visualizado na aula seguinte. Os alunos saíram à aula estipulada, sendo avisados que na aula seguinte teriam uma ficha sobre o filme que acabaríamos de ver.

A aula, a nosso ver, foi bem conseguida apesar de todos os problemas, principalmente os técnicos, aos quais não conseguimos fazer face, não sendo um problema nosso, mas sim do equipamento da escola. Quanto aos alunos, dentro dos possíveis e das condições estiveram interessados. O “filme” é sempre um bom recurso didático desde que seja bem aplicado e este filme dentro desta matéria está bastante adequado, contudo, com a falta de maturidade dos alunos não sei se foi a melhor escolha. Contudo, no geral, a aula foi boa, os alunos estiveram interessados e a estratégia foi bem utilizada.

3.2.4- Aula 4

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 4º aula - **Ana Sofia Lopes e António Colaço**



Turma: 10º D Data: 14/12/2016	
Tema/subunidade temática: O espaço Civilizacional Greco-Latino à beira da mudança.	Sumário: - Continuação da visualização do filme “A Ressurreição” no âmbito da Origem e difusão do Cristianismo no Império Romano; - Realização de uma ficha de trabalho sobre a temática do filme observado.
Aprendizagens Específicas: o Demonstrar a difusão do culto monoteísta num Império politeísta e as suas implicações; o Contextualizar a revolta e as perseguições feitas aos cristãos pelos romanos; o Fundamentar as razões para uma mudança de culto e como essa mudança foi realizada; o Refletir sobre a temática do Cristianismo: sua história/origens e modelos de ação.	
Questões Orientadoras: - Como foi difundido o culto monoteísta no vasto Império Romano e quais as implicações que teve? - Quais foram as respostas ao culto monoteísta? Explicando como se sucederam as sucessivas revoltas e perseguições feitas aos cristãos? - Quais as razões para a alteração de culto e como a mudança foi realizada? - Como se deu a origem do Cristianismo e como foram os seus modelos de ação e reflete sobre essa mesma temática?	Conceitos: Igreja Romano-Cristã
Situações/estratégias de aprendizagem: Entrada, Sumário (3 minutos) Entrega da ficha de trabalho aos alunos elaborado pelos professores (2 minutos) Continuação da visualização do filme “A Ressurreição” (40 minutos)	

Elaboração da ficha de trabalho pelos alunos (25 minutos)	
Correção oral das questões da ficha de trabalho (15 minutos)	
Recursos: Projektor, Filme Didático, Ficha de trabalho	Avaliação: Qualitativa (Ficha de trabalho) Atitudes/Comportamentos

Descrição

Esta aula é a continuação da “aula 3” onde se concluiu a visualização do filme “Ressurreição” e fez-se a atividade prevista na planificação. Estavam presentes todos os alunos, como na aula anterior, 31 alunos. Iniciámos a aula às 10 horas, com os alunos todos presentes na sala de aula. Fizemos um breve resumo do que se tinha visto na aula anterior e no que era pretendido com o filme, lembrando que no depois de terminar a visualização seria realizada uma ficha individualmente. Para contrariar a falha técnica da aula anterior, a minha colega levou o seu computador pessoal para que as legendas pudessem abrir corretamente no programa adequado para a visualização. Porém detetamos que o problema não era do computador e sim da data show, pois as legendas eram assumidas no computador, mas não eram exibidas no quadro, acontecendo o mesmo que na aula anterior.

Como aconteceu na aula anterior a visualização do filme foi acompanhada com explicações feitas por nossa parte. A turma comportou-se de forma semelhante à aula anterior, tendo momentos de alguma distração que foram rapidamente interrompidos por nós.

Com a visualização do filme completa fizemos um apanhado sobre o filme e recordámos novamente o que se tratava, onde os alunos não manifestaram dúvidas. De seguida repartimos as fichas de trabalho individuais para os alunos procederem à resposta das questões elaboradas por nós. Os alunos tiveram 15 minutos para a resolução da atividade. As fichas foram entregues a nós para posterior correção (o que ainda não aconteceu). Por esse motivo anexo apenas a estrutura da ficha e não a resolução que os alunos nos entregaram.

A turma, em geral, trabalhou bem, como pode observar nas outras aulas. Não é uma turma com forte massa crítica e é muito turbulenta, contudo, as planificações

A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: uma proposta didática

foram cumpridas e a execução da estratégia foi conseguida. O meu único apontamento passa mesmo por, agora, achar o filme demasiado denso para alunos com 14/15 anos.

A observação da professora cooperante a estas aulas também foi positiva, não fazendo qualquer tipo de observação a salientar.

Considerações finais

Este relatório engloba parte do trabalho elaborado ao longo do Mestrado em Ensino da História. Não podemos deixar de ressaltar que nem todo o trabalho nem aulas lecionadas estão aqui presentes. Não podemos deixar também de referir o valor que passámos a dar, ainda mais, aos docentes dos nossos estabelecimentos de ensino.

Vivemos hoje tempos de indisciplina e falta de respeito em sala de aula que acabam por pôr em causa o trabalho dos docentes. Além da indisciplina, a falta de cultura nas camadas mais jovens da nossa população também é um problema que verificamos, principalmente na disciplina de História, tendo muitos “recorrido” a esta opção para “fugirem” à tão temida Matemática (no caso do Ensino Secundário que foi onde lecionámos).

Mas não só os alunos têm uma parte negativa na situação. O próprio Ministério da Educação e as escolas têm uma parte da “culpa”, pelo excesso de alunos nas turmas, por exemplo. Se é difícil ensinar em turmas com mau comportamento e com baixa cultura, o facto de estarem mais de trinta alunos numa sala de aula ainda complica mais a situação. Cada vez mais é necessária uma reformulação neste aspeto, que além de existir uma melhoria para a aprendizagem dos alunos, também se verificaria uma melhoria nos métodos de ensino dos docentes e criando novos postos de trabalhos para as camadas mais jovens formadas que saem das universidades, nas quais nos inserimos. Há necessidade de pensar que os docentes em serviço há muitos anos, como é o caso da nossa professora cooperante, encontram-se exaustos e com excesso de horário.

Também não podemos deixar de referir a organização do mestrado, que passa muito pelo esforço do nosso orientador professor Miguel Monteiro. Apesar de reconhecermos o seu esforço para que todas as lacunas sejam corrigidas, reconhecemos que é necessária outra organização para os mestrados em ensino. Além de existirem Unidades Curriculares que poderiam ter conteúdos mais práticos e mais específicos às nossas necessidades. Contudo a nossa observação passa pelo pouco tempo que é dado à Prática Letiva, onde devia recair a maior parte da carga letiva. Ao todo está estipulado que cada mestrando deve lecionar dez aulas nos quatro semestres do mestrado, sendo que ainda tem que assistir a algumas aulas dos cooperantes. Não

achamos que seja com dez aulas que alguém consiga compreender e aprender como lecionar de forma “pura e dura”. É necessário que os mestrandos tenham mais tempo de desempenho na escola, como acontecia em modelos anteriores.

Apesar destas críticas, a nosso ver construtivas, fazemos um balanço positivo sobre o percurso feito neste Mestrado em Ensino da História, tal como a elaboração deste relatório.

Neste relatório, como já foi referido, tende como objetivo de demonstrar o nosso percurso, fundamentalmente, na Prática Letiva Supervisionada. Nessa parte pode-se encontrar todo o nosso projeto concretizado nas aulas, aplicando as metodologias que achámos mais adequadas, principalmente, à turma com que trabalhámos.

Que este relatório não seja apenas o fim de mais um ciclo da nossa vida, mas que com este possamos começar novos ciclos, pois foi com essa intenção, e a concretização de um sonho, que integramos este Mestrado e chegámos a este relatório ultrapassando todas as barreiras e obstáculos, com maior ou menor esforço.

Referências Bibliográficas

Obras Gerais

Navarro, Francesc (dir.); *História Universal – 13 - A Era dos Descobrimentos Europeus. As lutas de religião*, Espanha, Editorial Salvat, S.L; 2005

Obras Específicas

Albuquerque, Luís de (dir.); *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, I vol., Lisboa, ed. Círculo de Leitores, 1994

Albuquerque, Luís de (dir.); *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, II vol., Lisboa, ed. Círculo de Leitores, 1994

Costa, Fontoura da; *A Marinharia dos Descobrimentos, Lisboa, Ed. Culturais da Marinha*, 1983 (1ª. Edição, 1934)

Marques, João Martins da Silva; “Descobrimentos Portugueses”, vol. I, Lisboa, 1944, pp. 53-54, in Fernanda Espinosa, *Textos Históricos Medievais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1972

Radich, Maria Carlos – *Temas de História em Livros Escolares*, Porto, Edições Afrontamento, 1979

Didática/Pedagogia

Alarcão, Isabel (Coord.), *Supervisão, Investigações em Contexto Educativo*. Universidade de Aveiro. Aveiro. 2005.

Arends, R. *Aprender a Ensinar*. McGraw-Hill de Portugal. 1995.

Barca, Isabel. *O Pensamento Histórico dos Jovens*. Universidade do Minho. Braga. 2000

Bigge, Morris L.; *Teorias da aprendizagem para professores*. Editora Pedagógica e Universitária Lda, 1ª Edição – 10ª reimpressão, São Paulo, 1977

- Braga, Fátima – *Formação de Professores e Identidade Profissional*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001
- Bruner, Jerome; *O Processo da Educação*, Lisboa, Edições 70, 1998
- Carvalho, Irene Mello de; *O processo didático*, Fundação Getúlio Vargas, 1ª Edição – 4ª tiragem, 1976
- Estebanez, P. *Teoría de la Educación*. Ed. Agullo. Madrid. 1976
- Estrela, Albano. *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*. 4.ª ed. Porto. Porto Editora. 1994.
- Freire, P. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. Paz e Terra. Brasil. 1996
- MARROU, H-I, *Do Conhecimento Histórico*, Lisboa, Ed. Aster, 1976
- Monteiro, Miguel Corrêa. *Didáctica da História: teorização e prática: algumas reflexões*, 1.ª ed. Lisboa. Plátano Edições Técnicas. 2001.
- Monteiro, Miguel Corrêa. *O Ensino da História numa Escola em Transformação*. 1ª ed. Lisboa. Plátano. 2003.
- Piaget, Jean; *Problemas de Psicologia Genética*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1972
- Präss, Alberto Ricardo; *Teorias de Aprendizagem*. Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008
- Proença, M. C. *Didáctica da História*. Lisboa. Universidade Aberta. 1989
- Rogers, Carl; *Liberdade de aprender em nossa década*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985
- Santos, Luís Filipe – *O ensino da História e a Educação para a Cidadania – concepções e práticas de professores*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1ª Edição, Dezembro de 2000
- Tavares, José; [et al.], *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*, Porto, Porto Editora, 2007

Yves Bertrand, *Teorias Contemporâneas da Educação* / Yves Bertrand; trad. Alexandre Emílio. 2.^a ed. Col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

Referências Eletrónicas

<http://www.ecarnaxide.pt/entidade/es-camilo-castelo-branco> [consult. 8 de Janeiro de 2016]

Relatórios e Dissertações de Mestrado

PEPE, Rui Miguel Valente Inácio. *Da Revolução Bolchevique à ditadura estalinista: opções de Ensino-Aprendizagem*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia apresentada ao Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2014

Rocha, Mário Rui. *A Importância do Património na Formação da Memória e da Identidade Nacional à luz do Programa de História*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História apresentada ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2017

Manuais e Cadernos didáticos

Fortes, Alexandra; Gomes, Fátima Gomes; Fortes, José. *Linhas da História. Parte 1. História A 12º Ano*. Areal Editores. 2015

Fortes, Alexandra; Gomes, Fátima Gomes; Fortes, José. *Linhas da História. Parte 1. História A 12º Ano*. Areal Editores. 2015

Rosas, Maria Antónia Monterroso; COUTO, Célia Pinto do. *Um novo Tempo da História. Parte 1. História A 12º Ano*. Porto Editora. 2014

Rosas, Maria Antónia Monterroso; COUTO, Célia Pinto do. *Um novo Tempo da História. Parte 1. História A 12º Ano*. Porto Editora. 2014

Veríssimo, Helena; Lagarto, Mariana; Barros, Miguel. *Nova Construção da História. História A 12º Ano*. Edições Asa. 2009.

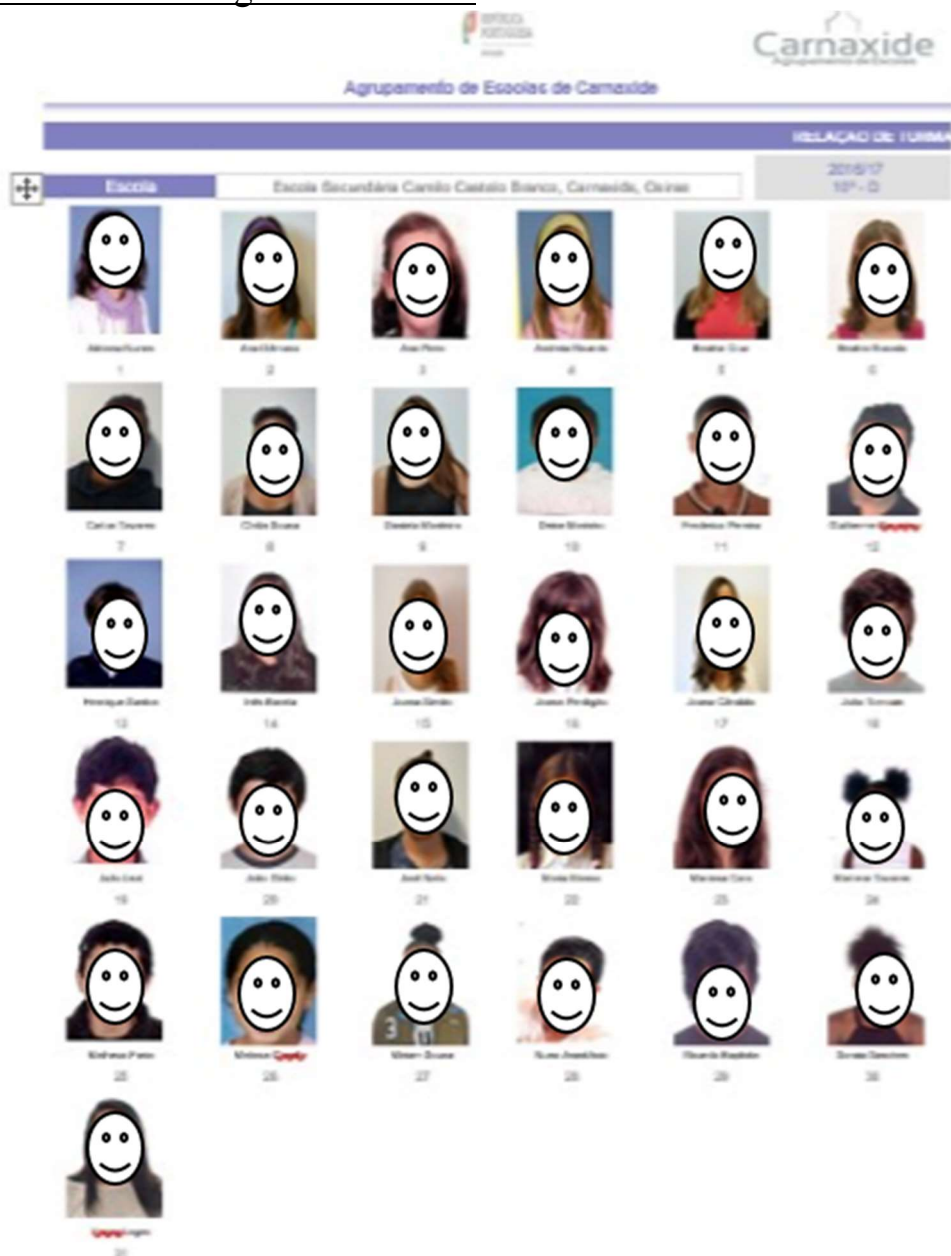
Programas Oficiais de História

Anteprojeto de Proposta de Lei sobre manuais escolares, 2005

Ministério da Educação, Programa de História A / 10.º, 11.º e 12.º Anos /Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas / Formação Específica / Homologação / 16/03/2001 (10.º Ano) / 01/04/2002 (11.º e 12.º Anos) Autoras / Clarisse Mendes (Coordenadora) / Cristina Silveira / Margarida Brum. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 2002, 79 pp.

Anexos

Anexo 1 – Fotografias da turma



Anexo 3 – Questionário do Documentário sobre o Renascimento

Documentário sobre o Renascimento

Tendo em conta o documentário apresentado, no seu decorrer, tenta encontrar a resposta aos seguintes aspetos.

O que ficas a entender por Humanismo?

O que ficas a entender por Renascimento?

O que ficas a entender por mecenas/mecenato?

Que locais estão associados ao Renascimento?

No documentário são referidos diferentes artistas de diferentes áreas. Identifica-os e qual a sua área de trabalho?

Bom trabalho!

Anexo 4 – Temas dos trabalhos e as respetivas perguntas-tópico

A ostentação das Cortes

- Qual o papel da cultura no contexto social dos séculos XV e XVI?
- Qual o papel cultural e social da Corte no Renascimento?
- Qual o contributo da educação para a distinção social?
- Quais as características do comportamento na sociedade de Corte?
- Quais as marcas de distinção e de ostentação das elites?
- Quais as características do cortesão?
- Qual o papel da mulher na Corte do Renascimento?

O estatuto dos intelectuais e artistas

- Quais os principais focos culturais na Europa dos séculos XV e XVI?
- Quais as condições que permitiram a afirmação dos artistas e intelectuais?
- Qual a importância da política de mecenato?
- Quais os meios utilizados pelas elites do Renascimento para celebrarem a fama e a glória?

Classicismo e modernidade

- Quais os principais focos e representantes do humanismo italiano?
- Quais as condições do desenvolvimento do humanismo em Itália?
- Qual o significado do termo humanista?
- Quais os princípios defendidos pelos humanistas?
- Quais as características da educação humanista?

As línguas nacionais

- Quais os principais autores humanistas que contribuíram para a afirmação das línguas nacionais?
- Quais as principais obras que contribuíram para o despontar das línguas nacionais?
- Quais os aspetos da Antiguidade Clássica que os autores humanistas valorizaram?
- Quais os principais contributos dos humanistas para a renovação cultural da Europa?

Individualismo, espírito crítico, racionalidade e utopia

- Qual a conceção do Homem defendida pelos humanistas?
- Qual o significado de antropocentrismo?
- Qual o contributo dos humanistas para a afirmação do espírito crítico?
- Quais as críticas feitas pelos humanistas à sociedade do seu tempo?
- Quais os motivos que conduziram à criação de utopias?
- Qual o significado da obra A UTOPIA de Thomas More?
- Quais as características da organização do espaço idealizado pelos urbanistas do Renascimento?

O ambiente cultural em Portugal

- Qual o papel cultural desempenhado pela Corte portuguesa nos séculos XV e XV?
- Quais as características do ambiente cultural da Corte régia no século XVI?
- Quais as principais realizações dos monarcas portugueses na promoção da cultura?

Anexo 7 – Ficha de trabalho

234 História em Construção

A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos



Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações

O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha

A que se deve o cosmopolitismo de Lisboa e Sevilha nos séculos XV e XVI?

Até ao século XV, a Europa manifesta um claro atraso técnico em relação a outras culturas, nomeadamente a chinesa e a muçulmana. Embora os contactos entre o Ocidente e a China tenham sido muito raros até esta altura, as invenções chinesas chegam à Europa através dos árabes: a pólvora, com a aplicação à artilharia pesada, usada, por exemplo, nas conquistas ultramarinas; o papel, a tinta e a impressão, que possibilitam uma das mais importantes invenções da era moderna, a imprensa; a bússola, instrumento fundamental de orientação. Estas são apenas algumas das inovações técnicas chinesas que penetram na Europa do século XV.

Quanto às directas influências árabes, a sua penetração é mais fácil, apesar das diferenças religiosas e culturais. No século IX, o califa Harun al-Rashid ordena que sejam reunidos, em Bagdad, tratados gregos originais e, por volta de 828, o califa Al-Mamum faz erguer uma “Casa de Sabedoria” onde se traduzem esses trabalhos. Hunayn ibn Ishaq (c. 809-877) traduz a maior parte dos escritos médicos de Galeno e começa a traduzir as obras de Ptolomeu

sobre astronomia. Os seus discípulos traduzem Ptolomeu, Euclides, Hipócrates e Dioscórides. Al-Mamum também funda um observatório astronómico em Bagdad, no ano de 829. Aí, Al-Batani descobre que a excentricidade do Sol apresenta mudanças (ou, em termos modernos, que a órbita da Terra é uma elipse variável).

No final do século X, em 1085, os cristãos conquistam Toledo e passam a ter acesso às traduções das versões árabes dos trabalhos científicos gregos. A Península Ibérica é o centro de contacto mais importante entre os mundos islâmico e cristão, contacto efectuado através dos moçárabes (cristãos que conservaram o seu credo sob o domínio muçulmano), dos mudéjares (maometanos que se tornaram vassallos dos reis cristãos, sem mudar de religião), dos maometanos convertidos ao cristianismo e de um grande número de judeus (alguns falando três idiomas). A consciência, por parte dos cristãos, da superioridade do saber muçulmano levou à fundação de uma escola de tradução em Toledo, pouco depois da reconquista da cidade, para onde afluíram sábios de toda a Europa, a fim de tomarem contacto com a ciência muçulmana.

O ábaco ou tabela de multiplicação, fundamental no aprofundamento de uma mentalidade quantitativa resultante do desenvolvimento económico, o astrolábio, que permite a orientação astronómica e as navegações em alto mar, os conhecimentos no campo da medicina e da farmacopeia, associados à ideia da importância da observação e do empirismo como método mais seguro para o estudo da ciência, a poesia, a filosofia e a tradução dos autores clássicos são algumas das mais significativas influências muçulmanas na Europa. Figuras como Avicena, filósofo e médico nascido em Pérsia, nos finais do século X, Averróis, grande tradutor de Aristóteles, nascido em Córdova no século XII, ou o seu discípulo judeu Maimônides, teólogo, astrólogo e farmacêutico, tiveram vários discípulos cristãos e ensinaram em universidades do mundo cristão.

A partir do século XIV, o grande comércio entre o Norte e o Sul da Europa deixa

A geografia cultural europeia de quatrocentos e quinhentos – O alargamento do conhecimento do mundo: uma proposta didática

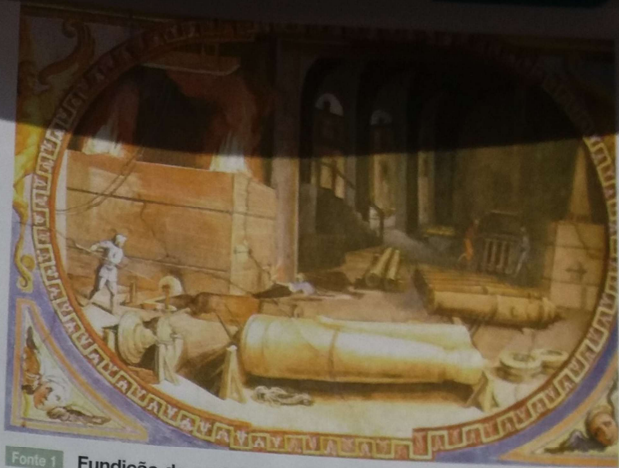
...ligado por terra, para se fazer essencialmente por via marítima, incentivando a construção naval, com a utilização de embarcações de cada vez maior calado. As galeras de tipo bizantino ou as urcas hanseáticas começam a ser substituídas por navios mais rápidos, entre eles a caravela.

Generaliza-se a utilização da bússola e aparecem os portulanos, que beneficiam dos conhecimentos do mais famoso geógrafo da Antiguidade, Ptolomeu, difundidos pelos árabes. Os dados utilizados são cada vez mais exactos, abrindo-se assim caminho à navegação astronómica e em alto-mar, no Atlântico.

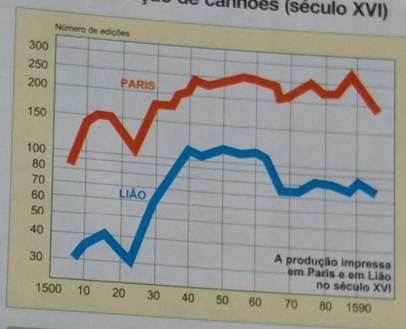
Novos portos são associados às rotas marítimas do comércio europeu, como é o caso de Lisboa e Sevilha, que beneficiam não só de uma ótima localização geográfica entre o Mediterrâneo e o Atlântico como do facto de serem um cadinho de culturas e influências árabes, judaicas e italianas (devido ao estabelecimento de venezianos e genoveses na Península Ibérica).

Esta dinâmica comercial é, simultaneamente, uma dinâmica cultural. Ideias e mercadorias viajam nos mesmos navios, num intercâmbio entre o experientialismo ibérico e o intelectualismo humanista de flamengos e transalpinos. Na obra de pensadores portugueses como Amário de Góis se reflectem os contactos com humanistas (como Erasmo), um pintor como Verrocchio encontra na experiência resultante da Renascença ibérica temas para a sua obra.

A Europa está prestes a ultrapassar, do ponto de vista da ciência e da técnica, as civilizações, a partir dos avanços conseguidos com as navegações, a conquista e o conhecimento do Mundo. Começa a entrada na Era Moderna.



Fonte 1 Fundição de canhões (século XVI)



Fonte 2 A imprensa

Fonte 3 Astrolábio



Astrolábio náutico de fabrico português, Museu de Marinha de Lisboa

Fonte 4 Ábaco



5 Acerca do contágio

...Khatib, de Granada, faz as seguintes observações acerca do contágio:

...aqueles que dizem: "Como poderemos nós admitir a possibilidade da infecção, quando a lei religiosa a nega", replicamos que a existência do contágio é estabelecida pela experiência, a investigação, a evidência dos sentidos e os relatos dignos de fé. Estes factos constituem um argumento válido. O fenómeno do contágio torna-se claro para o investigador que verifica que aquele que entra em contacto com os enfermos apanha a doença, enquanto o que não está em contacto com eles não adoecede, e como a transmissão se efectua através do vestuário, vasilhame e atavios.

Cit. em Philip K. Hitti, *History of the Arabs*, 8ª ed., Londres, 1964, p. 578

Fonte 6 Maimónides



Estátua em Córdoba dedicada a **Maimónides** (Córdoba, 1135-Egipto, 1204) figura do Judaísmo que se pode considerar paralela à de São Tomás de Aquino no Cristianismo, pela sua profundidade e por terem utilizado ambos o método aristotélico. Teólogo, médico, farmacêutico, a amplitude de conhecimentos reflecte-se na sua complexa e abundante obra. A sua obra mais conhecida é o **Guia dos Perplexos**. Escreveu fora de Espanha e em árabe, mas sempre se considerou sefardita (judeu ibérico).

mentos reflecte-se na sua complexa e abundante obra. A sua obra mais conhecida é o **Guia dos Perplexos**. Escreveu fora de Espanha e em árabe, mas sempre se considerou sefardita (judeu ibérico).

Fonte 8 Na farmácia



Miniatura de um manuscrito do **Cânone da Medicina**, de Avicena (século XV). Este manual constitui, até ao século XVII, a base dos ensinamentos e prática da Medicina nas universidades europeias.

Fonte 9 Rotas do comércio europeu em 1450



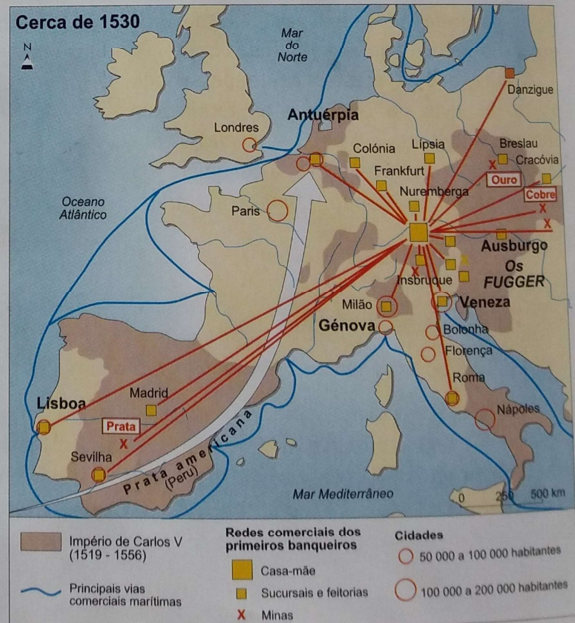
Fonte 7 A fixação de mercadores italianos em Lisboa, no século XIV

Dom Afonso¹, pela graça de deus rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber que Beringel Omberte me pediu por mercê, por si e por micer Nicolau Bertaldi, da Companhia dos Bardos, da cidade de Florença, e por todos os outros mercadores da dita Companhia e da dita cidade, dizendo que esses mercadores da dita Companhia e da dita cidade querem vir morar e viver ao meu senhorio e que lhes fizesse algumas mercês extremadas e liberdades. E eu, vendo que Beringel Omberte me pedia por si e pela dita Companhia dos Bardos e pelos mercadores da sobredita cidade de Florença e querendo-lhes fazer graça e mercê, tenho por bem e mando que os sobreditos mercadores que vierem à minha terra, que venham e morem e andem seguros por todo o meu senhorio por mar e por terra, assim eles como seus haveres e mercadorias. [...] Outrossim tenho por bem e mando que eles possam haver cônsul entre si, feito por eles, que oiça os seus feitos e as suas demandas. [...] E eu lhes devo assinar lugar em que morem e em que possam fazer loja de comum e outras casas para terem seus haveres e mercadorias por grosso e por miúdo. [...] Dada em Coimbra, nove dias de Abril [...] Era de mil trezentos e setenta e seis anos². [...]

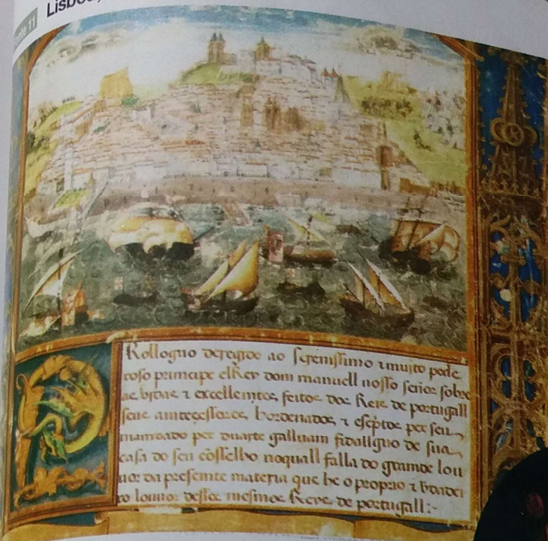
1 D. Afonso IV (1325-1357); 2 1338.

João Martins da Silva Marques, "Descobrimentos Portugueses", vol. I, Lisboa, 1944, pp. 53-54, in Fernanda Espinosa, *Textos Históricos Medievais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1972, p. 229

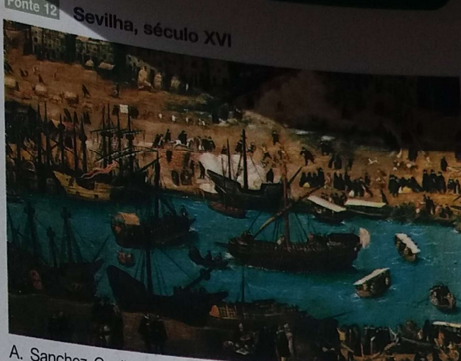
Fonte 10 Rotas do comércio europeu em 1530



Lisboa, século XVI

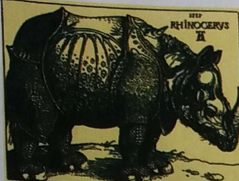


Fonte 12 Sevilha, século XVI



A. Sanchez Coelho, Sevilha, último terço do século XVI, Museu da América, Madrid

Fonte 13



Gravura de Durer, 1515

Damião de Góis

Construção da História

Qual a importância da actividade representada na fonte 1 para a Europa dos séculos XV e XVI?

Como se explica a evolução da imprensa no século XVI (fonte 2)?

O astrolábio (fonte 3) costuma ser apresentado como símbolo do período dos Descobrimentos. O que dá a este instrumento um tal carácter simbólico?

Informa-te sobre o funcionamento do ábaco (fonte 4) e relaciona este instrumento com o desenvolvimento da economia europeia a partir do século XV.

Consideras pertinentes as observações de Ibn al-Khatib (fonte 5) acerca do contágio? Porquê?

Quem serão aqueles que afirmam: “Como poderemos nós admitir a possibilidade da infecção, quando a lei religiosa a nega” (fonte 5)?

Com base nas fontes 1 a 7, diz quais foram os contributos de chineses, árabes e judeus para o desenvolvimento técnico europeu.

Quais os privilégios concedidos por D. Afonso IV aos mercadores italianos que se fixam em Lisboa (fonte 8)? A que se devem esses privilégios?

Compara as fontes 9 e 10 e diz quais as principais alterações que verificas nas rotas do comércio europeu entre 1450 e 1530.

Qual o papel de Lisboa e de Sevilha nas novas rotas europeias?

Que semelhanças existem entre Lisboa e Sevilha no século XVI (fontes 11 e 12)?

Ho Autónimo

fa pesquisa sobre Avicena, Averróis e Maimónides e explica a importância das suas para o conhecimento do século XV.